

# **DEUS NA VIDA COTIDIANA**

## **INTRODUÇÃO: O SANTO DO COTIDIANO**

Em seis de outubro de 2002, são João Paulo II canonizou, na Praça de São Pedro de Roma, são Josemaria Escrivá. Na homilia da Missa em que foi celebrada a cerimônia de canonização, o papa atribuiu familiarmente a são Josemaria um “título”: chamou-lhe *O santo do cotidiano*.

«São Josemaria – dizia nessa homilia – foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as atividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação. Pode-se dizer que foi *o santo do cotidiano*. De fato, estava convencido de que, para quem vive sob a ótica da fé, tudo é ocasião de um encontro com Deus, tudo se torna um estímulo para a oração. Vista dessa forma, a vida diária revela uma grandeza insuspeitada. A santidade apresenta-se verdadeiramente ao alcance de todos».

Sempre que releio essas palavras de são João Paulo II, retorno mentalmente ao momento inesquecível da canonização, vivido em Roma, e saboreio a clareza com que esse Papa santo soube fazer uma síntese da vida e da mensagem do fundador do Opus Dei.

Numa homilia de 1957, são Josemaria dizia: «Desde há quase trinta anos, Deus colocou no meu coração o anseio de fazer compreender, a pessoas de qualquer estado de vida, de qualquer condição ou ofício, esta doutrina: que a vida cotidiana pode ser santa e cheia de Deus, que o Senhor nos chama a santificar a tarefa ordinária, porque aí também se acha a perfeição cristã»<sup>1</sup>.

É uma mensagem que contém um tesouro de doutrina e de espiritualidade, dirigida especialmente ao cristão comum, ao “homem da rua”, que vive nas circunstâncias em que a maioria dos cidadãos deste mundo se encontram todos os dias: trabalho profissional, família, amizades, lutas, penas e alegrias...

---

<sup>1</sup> *É Cristo que passa*, n. 148. Editora Quadrante

Neste livro propus-me reunir uma série de meditações, baseadas todas elas em trechos dos escritos de são Josemaria, que são como que *pontos de luz* para a santificação da «gente da rua», das pessoas da «porta do lado», como diria o Papa Francisco<sup>2</sup>.

Oxalá essas meditações possam ser pontinhos de luz que ajudem «pessoas de qualquer condição ou ofício» – como diz são Josemaria – a encontrar Deus «no meio das atividades correntes que compõem a vida de todos os dias», e, ao mesmo tempo, a compartilhar esse encontro com os que com eles convivem e trabalham nas realidades do cotidiano.

## I. AS PEQUENAS COISAS DO DIA

### 1. PARECE-TE POUCA LOUCURA?

*Ponto de luz: «Tens obrigação de santificar-te. – Tu também. – Alguém pensa, por acaso, que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? A todos, sem exceção, disse o Senhor: “Sede perfeitos, como meu Pai Celestial é perfeito”» (Caminho, n. 291).*

#### Quando o chamaram de louco?

São Josemaria estava em São Paulo. Era um dia de maio de 1974 de uma luminosidade transparente. Reunido com estudantes, escutou esta pergunta de um rapaz:

– Padre, por quê, quando e quem o chamou de louco?

– «Parece-te pouca loucura – respondeu são Josemaria – dizer que no meio da rua se pode e se deve ser santo? Que pode e deve ser santo o homem

---

<sup>2</sup> Papa Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, de 19 de maio de 2018

que vende sorvetes num carrinho, e a empregada que passa o dia na cozinha, e o diretor de uma empresa bancária, e o professor da Universidade, e aquele que trabalha no campo, e aquele que carrega fardos nas costas...? Todos chamados à santidade! Agora isto foi acolhido pelo último Concílio, mas naquela época [1928, ano da fundação do Opus Dei] não cabia na cabeça de ninguém. Agora parece natural, mas naquela altura não era assim»<sup>3</sup>.

### **Não há cristãos de segunda categoria**

Durante séculos, era comum que, inconscientemente, os católicos fossem divididos em três categorias:

– O católico relaxado, de missas de sétimo dia, orações esporádicas e visitas turísticas a igrejas bonitas, que “acordava” na idade madura para o fato de que ainda nem era crismado.

– O católico “praticante”, umas vezes fervoroso e exemplar; outras, pelo contrário, apenas um “cumpridor de tabela religiosa”, sem o calor de uma fé que influenciasse a vida.

– O católico com “vocação”. Assim se falava da pessoa que Deus chamava para largar as coisas do mundo e se dedicar plenamente a Ele e à Igreja como padre, freira, monge ou frade.

Só a essa última categoria atribuía-se o dever de procurar a santidade. As pessoas não tinham visto ainda nas igrejas imagens de santos de paletó e gravata, de roupas de atriz de teatro, de jaleco de doutor, de macacão e chave inglesa<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Salvador Bernal, *Perfil do fundador do Opus Dei*, Ed. Quadrante, São Paulo 1977, p. 130

<sup>4</sup> No dia 18 de maio de 2019 foi beatificada Guadalupe Ortiz de Landázuri, fiel leiga da Prelazia do Opus Dei, doutora em Química, pesquisadora, ganhadora de prêmios internacionais, e professora na sua especialidade. Talvez não demoremos a vê-la nos altares carregando uma proveta numa mão e a tabela periódica na outra. A Igreja já beatificou e canonizou anteriormente vários outros cristãos leigos, solteiros e casados, de diversos países e profissões.

Deus pediu a São Josemaria que dissesse “não” a esses clichês. «Não há cristãos de segunda categoria – afirmava –, obrigados a pôr em prática apenas uma versão reduzida do Evangelho»<sup>5</sup>.

### **Realismo da santidade**

Com grande firmeza, ensinava que Deus dá a vocação para a santidade e para o apostolado a todo “cristão comum” já a partir do Batismo, onde se “reveste de Cristo” (cf. Gl 3,27), como dizia São Paulo.

«Deus – afirmava São Josemaria – não te arranca do teu ambiente, não te retira do mundo, nem do teu estado de vida, nem das tuas ambições humanas nobres, nem do teu trabalho profissional... mas, aí, te quer santo!»<sup>6</sup>.

Em uma homilia – que muitos consideram um marco na doutrina sobre a santidade dos leigos –, São Josemaria dizia o seguinte: «Meus filhos: aí onde estão os nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, o nosso trabalho, os nossos amores, aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da terra que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens».

»Deus espera-nos cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho: há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir».

»Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida de todos os dias, ou não o encontraremos nunca»<sup>7</sup>.

Nos próximos capítulos meditaremos sobre outros *pontos de luz*, que podem nos guiar à procura da santidade no meio do mundo, com uma perspectiva simples e prática. Se destas páginas você tirar fé e impulso para a santificação do

---

<sup>5</sup> *É Cristo que passa*, n. 134

<sup>6</sup> *Forja*, n. 362

<sup>7</sup> *Amar o mundo apaixonadamente*, Ed. Quadrante, São Paulo 2010, págs. 16-18

seu dia-a-dia, dê graças a Deus e a são Josemaria. Se achar nelas, porém, ideias fracas, duvidosas ou confusas, não duvide em atribuí-las ao autor do livro.

## **2. O DEVER COTIDIANO**

*Ponto de luz: «Queres de verdade ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes» (Caminho, n. 815).*

### **Faz o que deves**

O que é para nós o “dever”? Penso que todos responderíamos falando dos nossos deveres familiares, profissionais, cívicos, etc. Com um olhar mais sobrenatural, diríamos que cada dever é para nós uma manifestação da vontade de Deus.

Todos sabemos, por exemplo, que Deus nos pede e é dever nosso:

- Sustentar a família e educar os filhos
- Trabalhar seriamente na nossa profissão
- Cumprir os deveres de um cidadão responsável
- Cumprir os deveres religiosos
- Cumprir os compromissos assumidos

Cada um desses deveres é como um recinto, que pode estar “fechado” ou “aberto”. Pode ser como um quarto escuro com as janelas trancadas, onde não entra a luz de Deus, ou como uma sala com janelões escancarados, que se abrem para o horizonte da santidade.

### **Janelas fechadas e abertas**

Vejamos alguns exemplos.

- Deveres para com os filhos

- *janela fechada*: Achar que está tudo bem se eu digo: «Eu cumpro o meu dever, porque procuro garantir aos filhos casa, comida, saúde, educação e, dentro das possibilidades, conforto».

- *janela aberta*: Não basta criar filhos sadios e aptos para o trabalho. Eu devo criar «homens e mulheres de bem» que não sejam engolidos pelo ambiente geral, que tenham virtudes, que se tornem bons filhos de Deus, que aprendam a viver fora da «bolha» do egoísmo e do prazer, que saibam avançar, fazendo o bem, rumo aos bens eternos.

- Deveres profissionais

- *janela fechada*: «Eu acho que trabalho com seriedade, eficiência e responsabilidade, o melhor possível. Não poupo esforços».

- *janela aberta*: Será que tenho uma consciência clara de quais são os meus deveres éticos no trabalho: o que é lícito e o que é errado? Mantenho sempre o maior respeito e caridade cristã para com os colegas, clientes, colaboradores, sem distinguir entre os importantes e os humildes? Encaro a minha profissão sob o prisma do meu interesse ou com visão cristã de serviço ao próximo e à sociedade? Tenho a preocupação de aproximar de Deus aqueles que trabalham comigo?

- Deveres religiosos

Não vou repetir o que já disse. Dê uma olhada rápida ao capítulo anterior, lá onde se fala de católicos relaxados, praticantes e “vencionados”, e aplique-o à sua vida. Não lhe custará muito descobrir quais são as janelas da sua alma que estão fechadas e as que estão abertas.

### **Há deveres que enganam**

Há deveres que enganam, porque têm cara de bons, mas são contrários à vontade de Deus.

Podemos pensar em três tipos de deveres enganosos, que usamos como desculpa para não cumprir outros deveres mais importantes:

- *Os deveres-escudo*

São aqueles que nos servem de defesa para deixar de lado outros deveres maiores com a consciência tranquila. Muitos têm, por exemplo, a doença da «profissionalite», própria do *workaholic*: hipertrofiam as obrigações do trabalho profissional para esquivar e até abandonar deveres religiosos e deveres familiares (com a esposa, com o marido, com os filhos, com os pais anciãos), que nunca se deveriam deixar de lado.

- *Os deveres enterrados*

São deveres sobre os quais, de vez em quando, a nossa consciência nos acusa: «Eu sei que deveria fazer isso, já atrasei demais», mas temos preguiça até de pensar neles. Desculpamo-nos, dizendo: «não são urgentes, qualquer dia eu faço», e todos sabemos que esse «qualquer dia» significa nunca.

- *Os deveres enferrujados*

São os deveres suportados de má vontade e apenas “liquidados”. Caímos, então, na figura do «mau burocrata», que faz o mínimo necessário para não criar problemas para si (não ser dispensado do trabalho, não ter que enfrentar uma discussão conjugal).

Procure levar a sério a vontade de Deus, e pergunte-se como está o seu arquivo morto de deveres ignorados. Entre a fundo nesse exame. Se consegue fazer uma listinha, verá como lhe faz bem.

### **3. OS DEVERES DIFÍCEIS**

*Pontos de luz:* «**Obstáculos?... Às vezes, existem. - Mas, em algumas ocasiões, és tu que os inventas por comodismo ou por covardia**» (*Sulco*, n. 505). «**Cresce perante os obstáculos. - A graça do Senhor não te há de faltar**» (*Caminho*, n. 12)

### **Por que há deveres difíceis “para mim”?**

Em todos os setores da vida humana há coisas fáceis e coisas difíceis. Também, como é lógico, no campo dos deveres. Tentemos fazer agora uma pequena análise desses «deveres difíceis», um balanço de consciência muito relacionado com o do capítulo anterior.

- Há deveres importantes (religiosos, familiares, profissionais...) que nos custam, simplesmente, porque exigem esforço e dedicação, só por isso, mas que são perfeitamente exequíveis. Tornam-se difíceis *para mim* por causa da minha «resistência ao esforço e ao sacrifício», o que é a definição da *preguiça*.

- Outros deveres nos parecem impossíveis, porque pensamos que «no meu caso» não dá para cumprir. «Acontece – dizemos – que eu estou despreparado, não tenho jeito, tenho tais e quais limitações».

Todo o mundo tem algumas faltas de jeito que são reais, objetivas. Nem todos são aptos para certos trabalhos manuais, ou para pintar paisagens, tocar violino, fazer discursos... Mas ninguém pode dizer: «Não tenho jeito para educar os filhos», «Não sei o que fazer na igreja, não entendo a Missa»...

É muito cômodo dizer «não sei fazer», «não entendo». Já tentou aprender, nessas questões, como é a sua obrigação? Muitas e muitos – não são poucos – em condições idênticas ou inferiores às suas, enfrentaram esses deveres responsabilmente, com a consciência de que Deus lhes pedia isso, e aprenderam a cumpri-los até se tornarem modelo para outros.

- Outro enterro de deveres. Quando dizemos que o problema é o da falta de tempo, na maior parte dos casos trata-se de uma desculpa esfarrapada. Quem



«quer mesmo» alguma coisa, sempre acha o tempo necessário. Não será que, na realidade, nos falta amor ao dever, porque nos falta amor a Deus e amor aos outros?

Não duvide, sempre é questão de amor. Com amor, somos capazes, como se diz familiarmente, de «fazer misérias».

### **Cumprir com elegância**

Quando a consciência nos queima pelas nossas omissões, podemos cair em outra cilada: a tentação de «fazer alguma coisa», qualquer coisa, pouca e mal feita, só para poder dizer: «Já fiz!», e, assim, mais uma vez tranquilizar a consciência. Como se Deus fosse cego ou distraído. Para ele é transparente o fundo do teu coração e das tuas intenções.. Você acha que Deus pode ser enganado?

Dessa maneira, com essas desculpas, não é possível santificar a vida cotidiana. E pensar que alguns têm a desfaçatez de achar que isso prova que o cristão comum não pode ser santo. Isso só prova a mesquinhez de quem pensa assim.

Vem-me ao pensamento uma expressão da matemática, que eu – ignorante como sou na questão – acho engraçada. Bons amigos meus, que são ótimos matemáticos, contam que já se achou uma solução para o problema do teorema de Fermat (não sei em que consiste, só sei que é difícil), mas objetam que foi uma solução muito prolixa e complicada, e que ainda não foi encontrada uma solução «elegante».

Não entendo o que é a elegância na matemática, mas acho que é uma expressão ótima para a santificação dos nossos deveres. Quero dizer com isso – mais uma vez – que não basta cumprir por bater o ponto, como acontece com quem vai à Missa como um poste. Ou cumprimos o dever com amor, com interesse, com «elegância», do melhor modo possível, ou nos enganamos a nós mesmos, sem reparar que não podemos enganar a Deus.

Pode ajudá-lo meditar no exemplo da Sagrada Família de Nazaré. Nela não faltaram deveres difíceis, pois quase tudo tinha que ser feito em casa, no braço: tecer a roupa, moer o trigo e a cevada, carregar água e lenha, preparar utensílios e ferramentas na oficina de José, construir o pequeno forno de chão, etc. Mas, com certeza, o amor que Jesus, Maria e José colocavam nesses deveres os tornava muitíssimo belos, alegres e... elegantes.

#### **4. DEVER E AMOR**

*Ponto de luz: «Tudo o que se faz por Amor adquire formosura e se engrandece» (Caminho, n. 429).*

##### **O toque do amor**

Você sabe por experiência que o que fazemos a contragosto, sem amor, nos aborrece, cansa e sai mal feito. Mais de uma vez dissemos: «Não aguento!» «Estou farto!» «Que droga!». Acabamos de meditar justamente sobre as pessoas que «cumprem», mas não gostam dos seus deveres nem são capazes de se entregar a eles de coração.

Pelo contrário, quando há amor – o amor que Deus sempre está pronto a infundir nos nossos corações (cf. *Rm 5,5*) –, tudo se torna leve: a cabeça se enche de iniciativas, o coração pulsa feliz, as forças parece que se multiplicam; faríamos o dobro sem sentir cansaço.

Mas, será que esse ideal de amor não é uma bela teoria que poucos conseguem aplicar no cotidiano? Anime-se, porque já são muitos, em todo o mundo, os que se propuseram esse ideal e, com a ajuda de Deus, conseguiram levá-lo à prática.

##### **O dever tem boca: fala de Deus**

Se você tem sede, o melhor que pode fazer é ir à fonte da água. Pois bem, sempre estamos com sede de amor – notemos ou não –, porque o nosso coração

é seco demais. Existe, porém, a fonte do amor, que está sempre jorrando em abundância. Só precisamos recorrer a ela e beber. Essa fonte é Deus: *Quem crê em mim – diz Jesus –, de seu seio jorrarão rios de água viva»*(Jo 7,18).

São João afirma que *Deus é amor* e acrescenta que, por isso, *o amor vem de Deus* (1 Jo 4,7-8). Procuremos estar unidos a Ele, confiemos na sua ajuda, tentemos – pelo menos – fazer as coisas com Ele e por Ele.

Como enxergar o dever sob a ótica do amor?

- Em primeiro lugar, agradecendo a Deus que estejamos dando importância ao «dever» e compreendamos a sua relação com a santidade. É uma lufada de ar fresco num mundo moralmente rarefeito, onde só se ouve falar de direitos e reivindicações. É uma alegria para a alma descobrir que levar a sério o «dever» é uma forma de amar.

- Em consequência, não veja o dever friamente como «inevitável exigência da vida». O dever é muito mais do que isso: ele traça as linhas da santidade que Deus nos pede. Não há um único momento em que não possamos levantar o coração a Deus e perguntar-lhe, como são Paulo: *Senhor, que queres que eu faça?* (At 22,10). «Senhor, faz com que eu queira ver, queira ouvir-te e seguir-te!». Seria maravilhoso praticar isso ao pé da letra.

Sim, em cada dever, pequeno ou grande, ouvimos (se quisermos) a voz de Deus, que diz: «Aqui estou à tua espera, dá-me “nisto” o teu amor e encontrarás o meu». Como dizíamos citando são Josemaria, Deus «espera-nos em cada dia. Há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir». É maravilhoso «descobrir os fulgores divinos que reverberam nas realidades mais vulgares»<sup>8</sup>.

- Sempre é necessário pedirmos a Deus luzes na oração, a fim de discernirmos a diferença que há entre o que Ele quer e o que o nosso egoísmo nos inclina a fazer. Jesus dizia: *Meu alimento é fazer a vontade daquele que me*

---

<sup>8</sup> *Entrevistas a Mons. Escrivá*, Ed. Quadrante 2018, n. 119

*enviou e levar a termo a sua obra (Jo 4,34). Nós, procuramos viver como Ele? Digamos-lhe, com são Josemaria: «Jesus, o que tu quiseres, eu o amo»*<sup>9</sup>. Tente rezar assim, e verá como os momentos difíceis da sua vida se enchem de sentido.

- Mais um passo é procurarmos que – na medida do possível – cada pormenor de cada dever tenha um “toque” pessoal de delicadeza, por amor a Deus e aos demais; quer dizer, que não seja repetido mecanicamente (como dizia alguém: *Ctrl-C/Ctrl-V*), sem alma. E isso, desde abrir um sorriso ao acordar bem cedo para levar uma criança à escola, até o gesto de deixar a roupa em ordem antes de dormir. Agindo assim, os nossos deveres cotidianos podem tornar-se uma escada de amor.

Essa imagem da escada é de são Josemaria. Em maio de 1974, estando em São Paulo ouviu, numa tertúlia com um grupo de moças, uma menina que lhe perguntou sobre como achar Deus nas coisas pequenas de cada dia:

«Tem muita importância o que é pequeno, minha filha – respondeu –. Também estes edifícios grandes de São Paulo estão feitos na base de grãosinhos de cimento, de areia, de peças de ferro... Tudo tem muita importância... Você procure “estar” nos detalhes, porque são o que temos ao alcance da mão. Você, ainda que seja um “toquinho” assim, está subindo uma escada. Temos a escada do amor, minhas filhas: façam as coisas por amor a Jesus Cristo, para ajudá-lo a carregar a Santa Cruz, nesta terra de Santa Cruz; façam por amor a Santa Maria. E então o pequeno se torna grande, e você já não é mais um “toquinho”, mas está tocando o Céu com a cabeça»<sup>10</sup>.

Tenha certeza de que, se soubermos procurar e encontrar a Deus nos deveres diários, acontecerá conosco o que se deu com os discípulos de Emaús. Enquanto caminhavam com Cristo ressuscitado, de volta para casa, foram passando gradativamente da tristeza para a alegria: *Não estava ardendo o nosso*

---

<sup>9</sup> *Caminho*, n. 773

<sup>10</sup> Ver nosso livro *são Josemaria Escrivá no Brasil*, 3ª edição. Ed. Quadrante, São Paulo 2017, pág. 114

*coração quando ele nos falava pelo caminho? (Lc 24,32). Com Jesus, os deveres mais entediantes transformam-se, como diz a canção, num «palco iluminado».*

## **5. ROTINA E VIDA**

Ponto de luz: **«Na simplicidade do teu trabalho habitual, nos detalhes monótonos de cada dia, tens que descobrir o segredo – para tantos escondido – da grandeza e da novidade: o Amor»** (Sulco, n. 489).

### **Nos detalhes monótonos de cada dia**

Continuemos meditando sobre a vida cotidiana, essa sequência de um dia após o outro. O texto de são Josemaria, que acabamos de citar, fala em «detalhes monótonos». Quantas vezes não achamos monótona a repetição dos dias que parecem fotocopiados, cada um, do dia anterior, da semana anterior, do mês anterior. Sempre a mesma coisa!

Se não infundimos vida nessa rotina, o tempo passa cada vez mais depressa, e mais vazio. «Ora! Já estamos no fim do ano? Como o tempo passou depressa, parece que a cada ano corre mais rápido... Não fiz nem metade do que queria fazer».

A vida cotidiana às vezes parece-se com o fluxo da água que escapa de um cano furado. Ninguém repara, vai escorrendo, e o tanque fica vazio.

Sobra então uma sensação de frustração, que deixa um mau sabor na alma. Foi um ano meio-vazio! Santo Agostinho detestava a rotina morna, e escrevia nas *Confissões*: «Tanto quanto a morte, apavorava-me ficar preso ao fluxo da rotina»<sup>11</sup>.

### **Para vencer a rotina**

---

<sup>11</sup> *Et quasi mortem reformidabam restringi a fluxu consuetudinis.*

Que fazer? Variar, simplesmente? Andar mudando de ocupação, de mulher ou de marido – como alguns fazem, infelizmente, quando se cansam de ouvir «sempre a mesma toada» –, mudar de cidade?». Se isso passasse pela nossa cabeça, teríamos que meditar estas palavras da *Imitação de Cristo*: «A muitos iludiu a mudança de lugar». É engano achar que a mudança, por si só, resolve os problemas. Pura ilusão, pois em qualquer lugar carregaremos a nossa miséria ou a nossa riqueza espiritual.

O segredo para dar vida à rotina – como em tudo – é o amor. Nunca percamos esse enfoque, mesmo que o devamos repetir cem vezes. São Paulo tinha-o sempre presente: *Se não tiver amor, nada me aproveita* (1 Cor 13,3).

Quando se ama, cada dia o sol de Deus ilumina com luzes novas as nossas palavras, gestos, e ações..., mesmo que *externamente* sejam exatamente iguais aos do dia anterior.

O poeta hindu e prêmio Nobel de literatura, Rabindranath Tagore, sem ser cristão, intuía esta bela realidade num os seus poemas: «Verdadeiramente, a pouca beleza e paz que ainda se podem encontrar entre os homens, se acham no cumprimento cotidiano dos pequenos deveres, e não nas grandes empresas nem nos altos falatórios».

Lembremos a seguir algumas atitudes que exprimem ou facilitam fazer as coisas com amor – mesmo que custe – e, assim, renovam a alma.

- *Saber começar*. Desencalhar o dever que está parado e fica sendo um peso incômodo na consciência. Já dizia o poeta latino Horácio que começar é ter metade do trabalho feito. Mas, como custa! Atrasamos tantas coisas! Não nos decidimos a enfrentar, apoiados em Deus, certos problemas familiares ou profissionais, não começamos a retomar seriamente deveres religiosos que já andaram bem e agora estão descuidados, vamos procrastinando conversas inadiáveis... Sem reparar, seguimos a péssima sentença: «Deixa estar, para ver como é que fica».

«Para acabar as coisas, é preciso começar a fazê-las. – Parece óbvio, mas falta-te tantas vezes esta simples decisão!» (*Sulco*, n. 492).

- Da mesma forma, praticamos o amor quando assumimos o lema “Hoje e agora!” (o *Hodie et nunc* dos latinos, que um mau latinista traduzia bem por «hoje ou nunca»), ou seja, quando nos decidimos a praticar «minutos heroicos»<sup>12</sup>: a hora em ponto de levantar da cama, a hora de desligar a tv, a hora certa de olhar mensagens e navegar nas redes sociais (que não é toda nem qualquer hora!), a hora de promover no momento certo conversas em família, a hora de dormir sem enrolar com coisas inúteis.

- Amar é também aprender a distinguir, no dia-a-dia, a diferença entre «aproveitar o tempo» e «encher o tempo». Você já deve ter dito mais de uma vez: «Hoje não parei, foi aquela correria, fiquei exausto...e não fiz nada». Por esse caminho pode acabar como o Tio Vânia da peça de teatro homônima de Tchekhov, que dizia: «Quarenta e sete anos e não fiz nada!».

Por quê esse vazio? Quase com certeza, porque nos faltou uma pausa tranquila só para orar (talvez bem no início do dia, acordando uns dez minutos antes do que fazíamos até agora) , para refletir diante do Senhor, e para planejar as coisas do dia, prevendo – com *decisão* – a melhor sequência das diversas tarefas, inclusive anotando a lista delas, como quem assina um compromisso consigo mesmo. Isso é começar o dia dirigindo a bússola do coração para Deus.

Sem isso, é fácil atirar-se atabalhoadamente ao que parece urgente e não o é; ou ao que é mais fácil; e sentir que ficou curto o tempo para as demais obrigações..., sempre com a sensação de pressa, enquanto perdemos tempo zanzando à toa ou demorando-nos em papos furados...

Tomara que não aconteça conosco o que aconteceu com aquela pessoa que foi louvada, porque diziam «quanto trabalha!», e o chefe, que a conhecia bem, corrigiu: «Diga, antes: quanto se mexe!»<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> cf. *Caminho*, n. 206

<sup>13</sup> cf. *Sulco*, n. 506

- E, ainda, peçamos luz a Deus para transformar os nossos «tempos mortos» em «tempos vivos»; isto é, para prever como encher positivamente os ociosos do tempo: as esperas entediadas inevitáveis, os intervalos maiores que os previstos, os do cliente ou paciente que não aparece, os engarrafamentos no trânsito.

Conheço pessoas que tiram um bom proveito desses «tempos mortos»: porque já haviam previsto, para preenchê-los, leituras e áudios culturais ou formativos, ou orações, como por exemplo o Terço em pen-drive. E, com isso, aproveitam o tempo – que é um dom de Deus – quando estão guiando carro, no metrô, nas caminhadas pela rua, nas corridas matutinas... Quando aparecem os ociosos do tempo, essas pessoas sabem perfeitamente – sem ansiedade nem desconcerto – o que vão fazer.

Oxalá que algum dia, com a ajuda da graça divina, possamos dizer, como são Josemaria: «Do Amor de Deus e para o seu Amor vivo eu, apesar das minhas misérias pessoais. E apesar dessas misérias, talvez por causa delas, é o meu Amor um amor que todos os dias se renova»<sup>14</sup>.

## 6. COISAS PEQUENAS

*Ponto de luz. «Um pequeno ato, feito por Amor, quanto não vale!» (Caminho, n. 814).*

### Uma porta fechada com amor

Em 1954, encontrava-me em Roma, no Colégio Romano da Santa Cruz, quando um dia são Josemaria Escrivá me pediu que o acompanhasse. Queria mostrar-me um local que poderia servir como escritório para vários de nós, que colaborávamos na redação de algumas publicações. O local era um cômodo no alto do edifício, e tinha janelas em dois lados. Naquele dia ventava muito e, ao

---

<sup>14</sup> Citado em Álvaro del Portillo, *Josemaria Escrivá, Instrumento de Deus*, 2ª ed. Quadrante 1992, pág. 21



entrar, deixei a porta aberta: perigo iminente de que o vento a fechasse com estrondo. Com um sorriso afetuoso, são Josemaria adiantou-se a fechá-la e disse-me: «Com certeza, você não tinha pensado antes que se pode fechar uma porta com amor de Deus».

Era a aplicação prática de um seu ensinamento constante, tal como o vemos neste ponto de *Caminho*: «Fazei tudo por Amor. – Assim não há coisas pequenas: tudo é grande (n. 813).

É isso que nos ensina a doutrina católica sobre o *mérito sobrenatural* das ações boas. A santidade – bem sabemos – é a perfeição da «caridade», do amor, mas as obras do amor cristão, para que realmente nos santifiquem, não precisam ser grandes, nem difíceis. As coisas mais simples do cotidiano – tema deste livro – podem ser portas abertas para um amor grande, que faz entrar na alma a graça de Deus e nos santifica.

Pense um pouco. Desde a manhã até a noite, as pequenas coisas são um apelo constante do Senhor: «Vença a preguiça ao levantar-se», «Não deixe o armário bagunçado nem o banheiro sujo», «Não jogue coisas no chão», «Ajude a preparar o café», «Saia com tempo para chegar pontual ao trabalho», «Dê uma esmola, na rua, àquele mendigo que já conhece», «Entre no trabalho como um gesto e uma palavra cordiais», «Não negue um sorriso aos que menos combinam com você»... Tudo isso, feito com caridade (amor a Deus e ao próximo) são portas abertas à graça de Deus.

«A graça – diz o *Catecismo da Igreja* –, unindo-nos a Cristo com um amor ativo, assegura a qualidade sobrenatural dos nossos atos e, por conseguinte, seu mérito diante de Deus» (n. 2011). E, logo a seguir, cita uma oração de Santa Teresinha, que poderia ser nossa muitas vezes: «Quero trabalhar somente por vosso amor».

**Agir «só por vosso amor»**

Como conseguir esse ideal? Para começar, ao fazermos a oração da manhã, ofereçamos a Deus tudo que vamos fazer nesse dia: «Todos os meus pensamentos, as minhas palavras e as minhas ações, neste dia, eu vos ofereço, Senhor, e a minha vida toda por amor». É um oferecimento do dia que são Josemaria gostava de fazer.

O ideal é repetir frequentemente, durante o dia, outros oferecimentos breves: «Jesus, eu te ofereço isto». «Isto» pode ser tanto dizer umas palavras simpáticas ao zelador do prédio na saída, como terminar um trabalho até a última vírgula e não deixá-lo para amanhã, ou assumir uma pequena tarefa que outros poderiam e talvez deveriam fazer: «Eu – podemos orar – não precisaria fazer isso, mas faço-o por ti, meu Deus, e ofereço este sacrifício por tal pessoa ou por tal intenção».

É claro que isso não sai tão espontâneo nem tão fácil assim. É preciso estar perto de Deus pela vida espiritual e então, como gostava de dizer o Beato Álvaro del Portillo, descobriremos essas coisas «com as pupilas que o amor dilatou».

### **Os ladrões e a água sobre a rocha**

Uma das comparações que são Josemaria gostava de utilizar é a lenda medieval daquele bando de ladrões que, para roubar à noite um velho castelo, usava um moleque franzino, que os bandidos içavam até uma janela estreita por onde podia ser introduzido. O moleque entrava, deslizava depois em silêncio pela escada e abria o portão principal por onde o bando inteiro se introduzia no castelo.

Assim nos comentava o moral dessa história, em São Paulo, no dia 31 de maio de 1974: «Quer dizer que o inimigo é sempre pequeno. Cedemos numa coisa que parece que não tem importância, um dia, e outro, e depois... Nós precisamos colocar a nossa luta nas coisas pequenas. Temos que estar atentos às coisas pequenas».

No livro *É Cristo que passa* (n. 77), transmite o mesmo ensinamento com outra comparação. «Devemos convencer-nos que o maior inimigo da rocha não é a picareta ou o machado, nem o golpe de qualquer outro instrumento, por mais contundente que seja: é essa água miúda, que se infiltra, gota a gota, por entre as fendas do penhasco, até arruinar a sua estrutura. O maior perigo para o cristão é desprezar a luta nessas escaramuças que calam pouco a pouco na alma, até a tornarem frouxa, quebradiça e indiferente, insensível aos apelos de Deus».

É o próprio Jesus Cristo quem nos diz: *Quem é fiel no pouco, também o é no muito, e quem é injusto no pouco, também o é no muito (Lc 16,10)*».

Quando o amor a Deus e ao próximo *dilata as pupilas*, percebemos que a santidade está ao alcance da mão, e nos entusiasma o ideal da santificação na vida diária.

Compreendemos bem, então, que «quando a fé vibra na alma, descobre-se que os passos do cristão não se separam da própria vida humana corrente e habitual. E que essa santidade grande, que Deus nos reclama, se encerra aqui e agora, nas coisas pequenas de cada jornada»<sup>15</sup>.

Lembre-se mais uma vez de que este, e não outro, foi o caminho de Jesus, Maria e José, durante os trinta anos da vida oculta de Cristo em Nazaré.

## 7. A PERSEVERANÇA NAS PEQUENAS COISAS

*Ponto de luz: «Começar é de todos; perseverar, de santos». «A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo» (Caminho, nn. 983 e 813).*

### O cotidiano cristão

---

<sup>15</sup> São Josemaria. Homilia *Rumo à santidade*, em *Amigos de Deus*, n. 312

O cotidiano é a sequência contínua dos dias. O «cotidiano cristão» é essa sequência marcada pela constância na fé e pela fidelidade ao amor (de Deus e do próximo, como não nos cansaremos de lembrar).

O nosso cotidiano pode ser comparado a uma estrada pela qual avançamos com os passos de cada dia. Pode haver passos mais rápidos e mais lentos. Nunca faltarão alguns tropeções, e teremos que levantar-nos do chão. Poderá haver acidentes de percurso, como uma jamanta atravessada na pista ou um deslizamento de terra que interrompe o trânsito. Todos temos obstáculos e imprevistos, mas o importante é que *não sejamos nós* quem interrompe a estrada.

Jesus, para falar da constância, utiliza a imagem do homem que, querendo construir uma torre, não calcula bem os meios, e, por não ter preparado devidamente a obra, tem que largar a construção inacabada. Os que o veem – diz – *caçoa dele* e comentam: *Este homem começou a edificar e não pôde terminar* (Lc 14,28-30).

### **Torres inacabadas**

Quantas coisas inacabadas há na nossa vida! Quantas vezes começamos alguma coisa, material ou espiritual, e, sem motivos sérios (motivos que algumas vezes existem e outras muitas não), desistimos, deixamos de lutar e a esquecemos. Assim aumenta o acervo do nosso museu de “torres inacabadas”.

Que aconteceu? Não há dúvida de que faltou amor suficiente para assumir os sacrifícios – muitas vezes, só pequenos sacrifícios – que a constância exige. Sem amor, não há perseverança. E, sem sacrifício, não há amor. Quando falta o amor, sucumbimos ao que são Josemaria chamava «a lei do gosto»: «Faço, se gosto; não faço, se não gosto».

Cuidado com o álibi das «coisas boas», de que já falamos um pouco. A mãe e o pai de família têm muita coisa boa a providenciar, a fazer, e – como dizem – não podem dedicar muito tempo a atender os filhos, não podem dedicar-

se a eles como seria o ideal. Um dever hipertrofiado serve como desculpa para abandonar outro dever.

Da mesma forma, se focalizarmos o que acontece com as falhas nos nossos planos espirituais, veremos que não nos faltaram desculpas para descuidá-los com adiamentos comodistas («faço oração depois»), e nos afogamos no redemoinho dos nossos horários desorganizados.

O cotidiano, assim, se transforma num sobe e desce contínuo, semelhante ao gráfico das febres intermitentes. Alegamos que somos fracos e, por isso, caímos muitas vezes. É verdade. Mas também é verdade que, com a graça de Deus, poderíamos ser fortes. Nunca leu o que Jesus disse a São Paulo, quando este passava por uma crise e não achava solução? *Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a minha força manifesta o seu poder* (2 Cor 12,9).

### **A prática da perseverança cotidiana**

Examinemos de maneira prática algumas coisas de que precisamos para ganhar perseverança diária.

- *De onde tiramos as forças?* Da autoconfiança? Da autossuficiência? Da nossa força de vontade? Se fosse assim, estaríamos perdidos. Todo esforço humano do cristão, material e espiritual, deveria ir – como dizia São Josemaria – «precedido, acompanhado e seguido pela oração».

Você pede forças a Deus? Você as procura na Eucaristia? Pede ajuda a Nossa Senhora, «auxílio dos cristãos»? Você luta para dar a prioridade devida, no seu dia a dia, à oração, ao terço, aos outros tempos previstos de intimidade com Deus? No último capítulo deste livro, meditaremos sobre isso amplamente.

Sempre é válido aquele lema de Santo Agostinho: «Faça o que puder, e peça a Deus o que não puder».

- Evitemos a *miragem dos resultados*. Estamos num mundo de imediatismos: os resultados de uma consulta na Internet ou de uma diligência qualquer, se não são instantâneos, nos deixam aborrecidos. Na vida cristã não é assim. As almas têm as suas estações: não se chega a apanhar os frutos das melhoras, das virtudes, senão depois de enterrar a semente, de limpar a terra, de esperar pacientemente o desabrochar das flores e o amadurecimento dos frutos.

Daí a importância da paciência e da perseverança. São Josemaria gostava muito da figura, hoje já arcaica, do “burrinho de nora”, aquele jumentinho atrelado a uma haste horizontal de madeira, que, dando as mesmas voltas por horas e horas, todos os dias, fazia girar o eixo de um mecanismo dentro do poço, e com ele elevava a água para regar as plantações. «Sempre as mesmas voltas – dizia –. Um dia e outro, todos iguais. Sem isso, não haveria maturidade nos frutos, nem louçania no horto, nem teria aromas o jardim»<sup>16</sup>. O burrinho não via nada, até lhe vendavam os olhos, mas os frutos iam se preparando com segurança e um dia seriam colhidos.

- Tenhamos a *humildade de recomeçar*. Ninguém consegue perseverar andando em linha reta. Como dizia alguém, a perseverança consiste em «subir caindo». Mas «subir», na base levantar-nos imediatamente e voltar a lutar com mais brio que antes.

A falta de humildade, o orgulho é que nos atrapalha. Cada falha deixa-nos um sabor de fracasso, sobretudo quando se repete uma e outra vez. Isso nos humilha, e o orgulho faz-nos cair no desânimo e na desistência. São Josemaria recomendava humildade e espírito esportivo:

«Aconteça o que acontecer, persevera no teu caminho; persevera, alegre e otimista, porque o Senhor se empenha em varrer todos os obstáculos.

- Ouve-me bem: tenho a certeza de que, se lutas, serás santo!»<sup>17</sup> «Dá muito bom resultado empreender as coisas sérias com espírito esportivo. – Perdi várias jogadas? Muito bem, mas – se perseverar – no fim ganharei»<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> *Caminho*, n. 998

<sup>17</sup> *Forja*, n. 355

<sup>18</sup> *Sulco*, n. 169

- É preciso que entendamos a *importância de concretizar*:

No caminho, só se avança se, a cada passo, um pé se apoia em terreno firme, e depois o outro...

Na luta cristã, junto com muita oração, precisamos apoiar cada passo em um chão sólido. Para isso, faz-nos falta ser realistas e concretizar propósitos pequenos; não perder-nos em desejos genéricos e resoluções teóricas.

- *Concretizar*, primeiro, no exame de consciência. Você diariamente, na hora mais oportuna, faça um exame sobre o seu dia. Bastam três ou quatro minutos. Não se trata de ver tudo o que fez hora por hora. Ao examinar o dia que passou, fixe o olhar só em dois ou três pontos pequenos, que você sabe que são metas importantes da sua luta espiritual, como, por exemplo: «Evitei, nas refeições, comentários negativos que aborrecem os outros?» «Fiz hoje, na hora certa, as orações que tinha me proposto?», etc.

- No final do exame, faça um – um só – propósito concreto para o dia seguinte. Normalmente, o propósito deverá ser um ponto de luta que o ajude a superar algum dos descuidos que teve naquele dia, ou a dar uma melhoradinha em alguma coisa que já vai indo bem. «Amanhã, vou começar meu trabalho sem atrasos, e vou oferecê-lo a Deus», «Vou lutar contra a gula, não repetirei aquele prato»...

É muito bom anotar o propósito de cada dia numa agenda de papel ou no celular. Assim fica mais fácil lembrar-se dele, já desde o começo do dia.

Perseverar, persistir pouco a pouco com a graça de Deus, é necessário para alcançar a maturidade cristã. Faz quinze séculos, dizia o Papa são Gregório Magno: «A alma humana, como o barco contra a correnteza de um rio, não pode manter-se parada em um mesmo lugar, porque, se não se esforça por subir, irá sendo arrastada por água abaixo»<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Regra pastoral, Parte III, capítulo 34

## II. O TRABALHO COTIDIANO

### 1. A SANTIDADE NO TRABALHO COTIDIANO<sup>20</sup>

*Ponto de luz: «Ao ser assumido por Cristo, o trabalho se nos apresenta como realidade redimida e redentora: não é apenas a esfera em que o homem se desenvolve mas também meio e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora» (É Cristo que passa, n. 48).*

#### O carpinteiro, filho do carpinteiro

A primeira coisa que lembra são Josemaria nesta frase é que o trabalho humano foi *assumido por Cristo*. Este é o ponto de partida desta meditação e das que vêm a seguir.

Que nos diz o Evangelho? Começemos por umas palavras de São Lucas: *Quando Jesus iniciou o seu ministério público, tinha cerca de trinta anos, e era tido como filho de José (Lc 3,23).*

Ao começar a pregar o Reino de Deus e a avaliar a sua pregação com os milagres, Jesus tinha cerca de trinta anos. Antes disso, o que fez?

A resposta a encontramos em uma frase dos conterrâneos de Jesus na cidadezinha de Nazaré, a aldeia que o viu crescer, tornar-se adolescente e chegar à maturidade.

---

<sup>20</sup> Neste capítulo e nos seguintes, meditaremos sobre o trabalho dentro da perspectiva da *santificação do cotidiano*, ou seja, do “nosso trabalho de *cada dia*”. Não focalizaremos, portanto, nem a teologia – muito rica – do trabalho, nem o valor social do trabalho, tal como o expõe a Doutrina Social da Igreja. Pode ser útil consultar a Encíclica *Laborem exercens*, de São João Paulo II, e o livro do teólogo J.L. Illanes, *A santificação do trabalho*, Ed. Quadrante, São Paulo 1968.



*Não é este o filho do carpinteiro? Não é Maria sua mãe?. Era a primeira vez que Jesus pregava na sinagoga de sua aldeia, deixando admirados os que o ouviam: De onde lhe vem esta sabedoria e esta força miraculosa? (Mt 13,54-55).*

Isso significa que Jesus era conhecido, como a maioria de nós, pela sua *família* e pelo seu *trabalho*.

Indo mais a fundo, isso significa que Jesus, Deus feito homem, quis passar a maior parte de sua vida – cerca de trinta anos – trabalhando e convivendo com Maria e José, no calor de um lar, sem se dedicar a nada fora da vida e do trabalho ordinários.

Sim, o próprio Deus – o Verbo encarnado – assumiu o *trabalho humano* e a *família*, e os transformou em vida e experiência sua, em algo de divino e, portanto, realidade santa.

Por isso, entende-se que são Josemaria, inspirado por Deus, proclamasse sempre que o trabalho é – como citávamos acima – «meio e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora».

De forma sucinta, dava aos seus filhos este lema: «A nossa vida pode-se resumir dizendo que temos que santificar a profissão, santificar-nos na profissão, e santificar outros com a profissão»<sup>21</sup>.

### **Santificar a profissão**

Como você acha que foi o trabalho de Jesus na oficina de José?

Sem a menor dúvida, foi um trabalho bem feito, acabado com carinho. Imitar Jesus nisso é a primeira condição para «santificar o trabalho»: fazê-lo bem, com a maior perfeição possível – dentro das nossas limitações –, transformando-o assim numa obra digna de ser ofertada a Deus.

---

<sup>21</sup> cf. *Carta 15-X-1948*, n.6. Citada por A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol III.

Você acha que daria para falar de «amor» perante um trabalho marretado, «despachado» às pressas, incompleto, defeituoso?

Jesus colocava muito amor no trabalho porque, naqueles trinta anos da *vida oculta*, via nas tarefas diárias a vontade do Pai, que *está comigo; e não me deixou sozinho, porque faço sempre o que lhe agrada* (Jo 8,29).

Com isso, desvenda-se para nós outra luz sobre o trabalho santificado: fazê-lo sempre na presença de Deus, que «está aqui, que me vê e que me ouve». Ao dedicar-nos ao trabalho, em qualquer momento podemos escutar o Senhor que nos diz, no íntimo da alma: «Cuida bem disso» E procuraremos responder-lhe: «Com a tua ajuda, vou me esforçar para que fique o melhor possível».

«Persuadi-vos – escrevia são Josemaria – de que não é difícil converter o trabalho num diálogo de oração. É só oferecê-lo a Deus e pôr mãos à obra, que já Deus nos escuta e nos alenta»<sup>22</sup>.

Era muito agradável ouvir são Josemaria dizer: «Diante de Deus, nenhuma ocupação é em si grande ou pequena. Tudo adquire o valor do Amor com que se realiza»<sup>23</sup> (ele sempre escrevia com A maiúsculo a palavra amor, referida a Deus). Quando visitava a Universidade de Navarra, da qual era fundador e Grão Chanceler, comentava que, se alguém lhe perguntasse qual era o trabalho mais importante naquela Universidade, não saberia dizer se era o do Reitor ou o da mais simples encarregada da limpeza. Dos dois, o mais importante seria aquele que fosse feito com mais amor de Deus.

É uma verdade que deveríamos ter especialmente presente em épocas de desemprego e subemprego. Se alguma vez somos forçados a aceitar um trabalho que está por baixo do nosso preparo e da nossa experiência, não esqueçamos que – enquanto procuramos outro trabalho melhor – Deus espera que realizemos o atual com a categoria do trabalho de Jesus em Nazaré<sup>24</sup>. «Minha mãe – dizia o

---

<sup>22</sup> Homilia *Trabalho de Deus*, em *Amigos de Deus*, n. 67

<sup>23</sup> *Sulco*, n. 487

<sup>24</sup> cf. a nossa *Novena do Trabalho*, em [www.padrefaus.org/novenas](http://www.padrefaus.org/novenas)

poeta Charles Péguy – empalhava cadeiras com o mesmo espírito com que os antigos construíam as catedrais».

O Cardeal Albino Luciani, poucos dias antes de ser eleito como Papa João Paulo I – «o Papa do sorriso» –, escreveu uma nota biográfica sobre São Josemaria, na revista *Il Gazzettino*, de Veneza. Fazia eco aos ensinamentos de Mons. Escrivá, e dizia: «É lá, bem no meio da rua, no escritório, na fábrica, que nos fazemos santos, desde que cumpramos o nosso dever com competência, por amor de Deus e alegremente, de forma que o trabalho cotidiano não se torne o “trágico cotidiano”, mas antes o “sorriso cotidiano”».

Podemos resumir este capítulo com a seguinte frase de São Josemaria: «A dignidade do trabalho baseia-se no Amor. O grande privilégio do homem é poder amar, transcendendo assim o efêmero e o transitório»<sup>25</sup>.

## 2. SANTIFICAR-SE COM O TRABALHO

### Uma escada de amor

*Ponto de luz: «O cristão não pode ser superficial. Plenamente mergulhado no seu trabalho diário entre os demais homens, seus iguais, atarefado, ocupado, em tensão, o cristão tem que estar ao mesmo tempo totalmente mergulhado em Deus, porque é filho de Deus» (É Cristo que passa, n. 65).*

No começo do capítulo anterior, lembrávamos – com palavras de São Josemaria – que o trabalho é «meio e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora».

Como *santificar-nos* a nós mesmos com o trabalho? Para entendê-lo bem, recordemos de novo que a fé nos ensina que a santidade é a plenitude do amor.

---

<sup>25</sup> *É Cristo que passa*, n. 48

*A caridade (o amor) – diz são Paulo –, é o vínculo da perfeição. E afirma que ser um cristão perfeito consiste em progredir no amor (cf. Col 3,14 e Ef 5,2).*

É claro que a santificação pessoal no trabalho não é automática. Pressupõe pedir humildemente a ajuda da graça de Deus, e esforçar-nos por não perdê-lo de vista. «Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. E está como um Pai amoroso – quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos –, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdando»<sup>26</sup>.

No meio do trabalho, precisamos rezar mentalmente orações muito breves que mantenham o «aquecimento do amor», como pequenos gravetos que se lançam nas brasas de uma lareira. Basta dizer jaculatórias simples, como por exemplo: «Jesus, eu te amo!», ou «Ofereço-te esta hora de trabalho pela conversão do meu filho»...

## **Amor e virtudes**

Esse clima espiritual, cultivado habitualmente, nos fará crescer na santidade. Como é que isso se notará? Eu lhe diria que, sobretudo, pelo amadurecimento das virtudes: mais fé, mais otimismo, mais compreensão, etc<sup>27</sup>.

Completemos esta meditação fazendo-nos umas poucas perguntas práticas sobre as virtudes. Começaremos pelas virtudes «cardeais» (prudência, justiça, fortaleza e temperança); e, a seguir, examinaremos as «teologais» (fé, esperança e caridade).

### *Exame sobre as virtudes cardeais*

- *Prudência:*

---

<sup>26</sup> *Caminho*, n. 267

<sup>27</sup> Sobre esse tema, pode ser útil o nosso livro *A conquista das virtudes*, Ed. Cultor de Livros, São Paulo 2014.

– Tenho o hábito de refletir e, em muitos casos, de estudar a fundo, sem precipitação, antes de agir?

– Tenho a humildade de confrontar a minha opinião com a de outros colegas, e valorizo as sugestões recebidas?

– Quando, no trabalho, já fica definida uma solução, procuro levá-la logo à prática com decisão, sem demora?

● *Justiça:*

– Sabendo que o trabalho de outras pessoas depende do meu, procuro ser diligente e pontual, para não prejudicá-los?

– Exijo dos subordinados horários abusivos de trabalho, que os impedem de atender decentemente aos deveres familiares?

– Sem uma estrita e urgente necessidade, protelo, nem que seja por uma hora, o pagamento de salários?

● *Fortaleza:*

– Enfrento as dificuldades do trabalho com coragem, sem cair no desânimo nem em reclamações inúteis?

– Venço a moleza, a lentidão e o descuido nas diversas tarefas, mesmo que ninguém me cobre nada?

– Quando devo corrigir colegas ou subordinados, faço-o com clareza e delicadeza, sem cair na ira nem na prepotência?

● *Temperança:*

– Venço a curiosidade desordenada na internet; evito perder o tempo com conversas inúteis ou indecentes?

– Ao terminar o trabalho, na “happy hour” ou no final de semana, abuso da bebida?

– Queixo-me com frequência do calor, do frio ou de qualquer moléstia física?

*Perguntas sobre as virtudes teológicas*

- *Fé:*

- Procuo realizar bem o meu trabalho, com a consciência de estar assim cumprindo a vontade de Deus? Ofereço o trabalho a Deus? Rezo, pedindo a Deus que me mostre o que espera de mim naquela tarefa?

- Procuo na oração e na Eucaristia as forças necessárias para trabalhar como um bom cristão?

- Nas dificuldades e sofrimentos do trabalho, vejo Jesus que me pede, ajudá-lo a carregar a Cruz como um bom Cireneu?

- *Esperança:*

- Estou convencido de que o trabalho feito de olhos postos em Deus *nunca é inútil no Senhor*, como dizia são Paulo <sup>28</sup>?

- Peço com confiança a ajuda de Deus nos trabalhos mais difíceis?

- Lembro-me de que Cristo disse: *De que adianta ganhar o mundo inteiro, se acabas perdendo a tua alma*<sup>29</sup>?

- *Caridade:*

- Vejo os colegas como amigos e companheiros, não como rivais?

- Esforço-me por compreender os outros, evitando críticas negativas? Caio em mexericos?

- Evito comentários que impliquem desprezo ou ofensa de superiores e colegas?

- Rezo pelos outros e lhes faço o bem que posso no meu ambiente profissional?

### 3. TRABALHO E AMOR AO PRÓXIMO

*Ponto de luz: «O trabalho profissional é também apostolado, ocasião de entrega aos outros..., o momento de lhes revelar Cristo e levá-los a Deus Pai» (É Cristo que passa, n. 49).*

---

<sup>28</sup> 1 Cor 15,58

<sup>29</sup> Mt 16,26

## Sermos sal e luz no trabalho

Talvez você se lembre de que o Sermão da Montanha (a chamada Carta Magna do Cristianismo), depois de enunciar as Bem-aventuranças, transcreve as seguintes palavras de Jesus aos discípulos: *Vós sois o sal da terra [...], vós sois a luz do mundo» (Mt 5,13-14).*

São palavras que se dirigem a todos os que foram incorporados a Cristo pelo santo Batismo. Constituem um apelo para fazer, da nossa vida, *sal* que comunique aos outros o bom sabor de Deus e *luz* que lhes transmita a claridade da verdade cristã.

São Paulo lembrava aos primeiros cristãos essa perspectiva, dizendo-lhes que deviam brilhar, no meio de um ambiente pagão, *como luminárias no mundo (Fl 2,15).*

Como é que vamos transmitir aos outros a luz e o calor da fé? Subindo a um púlpito? Encarapitados num tablado em praça pública? Para a imensa maioria dos cristãos – para o homem da rua – não é isso o que Deus pede. O que deseja é que «contagiem» fé e amor sem estridências, pelo seu modo de viver e de se comportar no convívio diário.

## Três modos de ser luz no trabalho

- Em primeiro lugar, devemos ser luz *pelo exemplo*: «Com ele – diz um velho adágio – Deus constrói e o diabo destrói». O exemplo é o selo de garantia da sinceridade das nossas palavras.

O que Jesus nos pede é uma atitude tal, que o nosso modo de comportar-nos fale por si: *Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus (Mt 5,16).*

No trabalho diário, nós nos damos a conhecer. Aí se vê se somos egoístas ou generosos, se somos responsáveis ou imaturos, se sabemos sofrer com serenidade ou passamos a vida queixando-nos; se somos avarentos ou liberais; se amamos a justiça ou damos “jeitos” inescrupulosos por baixo do pano; se ajudamos fraternalmente os colegas que padecem; se, nos momentos de maior sofrimento, mantemos uma paz e uma serenidade que só se podem explicar pela confiança em Deus.

São Josemaria escreve: «Faze a tua vida normal; trabalha onde estás, procurando cumprir os deveres do teu estado de vida, acabar bem as tarefas da tua profissão ou do teu ofício, superando-te, melhorando dia a dia. Sê leal, compreensivo com os outros e exigente consigo mesmo. Sê mortificado e alegre. Esse será o teu apostolado»<sup>30</sup>.

- Em segundo lugar, fazemos apostolado com o nosso *espírito de serviço*. Tem esse espírito aquele que, em vez de se aproveitar dos outros, é prestativo e procura, com generosidade, ser-lhes útil. É um dos aspectos da caridade cristã que Jesus mais repisou:

*Aquele, dentre vós, que quiser ser grande, seja o vosso servidor..., pois o Filho do Homem [Cristo] não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos (Mc 10,44-45).*

Pergunte-se, pois, com sinceridade:

- «Em que coisas sou realmente *útil* aos meus colegas e, em geral, a todos os que entram em contacto comigo pelo trabalho?»

- «Que plantei de bom na alma e na vida deles, pelo menos de alguns deles?»

- «Acho, egoisticamente, que não é da minha conta preocupar-me com os outros, e que cada qual deve cuidar de si?».

- Pratico este conselho de *Caminho*?: «Quando tiveres terminado o teu trabalho, faz o do teu irmão, ajudando-o, por Cristo, com tal delicadeza e

---

<sup>30</sup> *Amigos de Deus*, n. 273



naturalidade, que nem mesmo o favorecido repare que estás fazendo mais do que em justiça deves. – Isso, sim, é fina virtude de filho de Deus!»<sup>31</sup>.

- Em terceiro lugar, somos luz realizando um *apostolado pessoal de amizade*. «E sem saberes por quê – escreve são Josemaria –, dada a tua pobre miséria, os que te rodeiam virão ter contigo e, numa conversa natural, simples – à saída do trabalho, numa reunião familiar, no ônibus, ao dar um passeio em qualquer parte – falareis de inquietações que existem na alma de todos, embora às vezes alguns não as queiram reconhecer: irão entendendo-as melhor quando começarem a procurar Deus a sério»<sup>32</sup>.

São Josemaria via as relações de trabalho – de estudo, de trabalho intelectual, de trabalho manual – como o que elas são de fato: ambientes em que nascem, crescem e facilmente se consolidam amizades. E, quando as amizades são desinteressadas, é fácil que as pessoas abram a alma e façam confidências mútuas sobre os seus anseios, problemas, sofrimentos, dúvidas.

A conversa do amigo leal ajuda nesses momentos. Ainda que não se julgue melhor do que ninguém, abre-se e fala da fé e dos meios espirituais que o ajudaram a ele em situações semelhantes, procura despertar no amigo alguma reflexão mais profunda, sugere-lhe um livro, ajuda-o a interessar-se por Deus e pela Igreja, sempre com o mais delicado respeito pela liberdade alheia.

Pensando em alguns que sonham, muito teoricamente, em fazer apostolado neste mundo que gira desorientado, acho que pode ser útil a meditação do seguinte ponto de *Sulco*: « Acho muito lógicas as tuas ânsias de que a humanidade inteira conheça a Cristo. Mas começa com a responsabilidade de salvar as almas dos que convivem contigo, de santificar cada um dos teus colegas de trabalho ou de estudo... – Esta é a principal missão que o Senhor te confiou» (n. 953).

---

<sup>31</sup> *Caminho*, n. 440

<sup>32</sup> *Amigos e Deus*, n. 273

## 4. SANTIFICAR O TEMPO QUE PASSA

*Ponto de luz: «Se o tempo fosse somente ouro..., talvez pudesses perdê-lo. – Mas o tempo é vida, e tu não sabes quanto te resta». «O tempo é o nosso tesouro, o “dinheiro” para comprarmos a eternidade» (Sulco nn. 963 e 882).*

### Salvar o tempo

«Salvar o tempo, redimir o tempo» é uma bela expressão de São Paulo: *Vede, pois, cuidadosamente como andais: não como tolos, mas como sábios, redimindo o tempo, porque os dias são maus. Por isso, não sejais insensatos, mas procurai conhecer a vontade do Senhor (Ef 5,15-17).*

Comentávamos acima que muitas vezes temos a impressão de que o tempo escapa voando, como se fosse água que escorre das mãos. Lembro-me de uma entrevista televisiva com Oscar Niemayer, por ocasião dos seus cem anos de idade. «Como vê a sua longa vida?» – perguntava o repórter. «A vida é um sopro» – respondeu Niemayer<sup>33</sup>.

Falando da passagem do tempo, são Josemaria citava às vezes uns versos do poeta romântico Gustavo Adolfo Bécquer: «Ao brilhar de um relâmpago nascemos, e ainda dura o seu fulgor quando morremos». Incentivava assim a meditar sobre a brevidade do tempo, e o enorme valor que ele tem.

A vida é uma sequência de dias comparáveis a pequeninas velas de cera, que se acendem ao amanhecer e rapidamente, ao anoitecer, já estão apagadas. Como é fugaz e incerto o tempo da vida! No entanto, são Josemaria não se cansava de falar do «tesouro do tempo», e comentava que, assim como o mitológico Rei Midas convertia em ouro tudo o que tocava, Deus nos deu a faculdade de converter cada instante da vida em glória de Deus.

---

<sup>33</sup> Esse comentário evoca a afirmação do Salmo 90,9: *Acabam nossos anos como um sopro.*

Para conseguirmos viver esse ideal, precisamos – entre outras – de duas coisas: ter «bússola espiritual», e vencer os inimigos do «hoje».

## **A bússola espiritual**

Que quer dizer ter bússola? Ter um Norte bem claro na vida. O que quero da vida, o que pretendo?

- Só aquele que sabe qual é o sentido, o porquê da sua vida, tem lucidez para se orientar, e não perde banalmente o tempo. Lembro-me da cena de um velho filme em que um casal sofre um acidente de carro. A mulher fica estendida no asfalto, e ergue, trêmula, os dois braços. O companheiro pergunta-lhe se machucou as mãos, e ela responde, sentindo-se morrer: «As minhas mãos, as minhas mãos... estão vazias!».

Ter Norte é não brincar com a vida que Deus nos dá, ter muito clara a finalidade dela e a ordem dos valores. É, por isso, compreender o que é primeiro e, por isso, tem prioridade; o que é secundário; o que vale e o que não vale a pena.

Em função dessa hierarquia de valores, você poderá organizar cada dia a sua agenda, procurando que nenhum dia se dissipe no ar, arrastado pelo vento como fumaça. Perder o tempo (não só materialmente, mas dedicando-nos ao que não deveríamos estar fazendo, se tivéssemos pensado bem) é matar a vida... e, às vezes, a eternidade. *Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus, mas sim, aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos Céus (Mt 7,21).*

Com São Paulo, repito: *Veja cuidadosamente como anda...Procure conhecer qual é a vontade de Deus». E esteja alerta para o que se diz em Caminho: « Pretextos. — Nunca te faltarão para deixares de cumprir os teus deveres. Que fatura de razões... sem razão! — Não pares a considerá-las. — Repele-as e cumpre a tua obrigação» (n. 21).*

## Os inimigos do “hoje”

Jesus, no Sermão da Montanha, nos pede: *Não vos inquieteis com o dia de amanhã... A cada dia basta o seu cuidado (Mt 6,34).*

Fazendo eco a estas palavras, são Josemaria diz: «Porta-te bem “agora”, sem te lembrares de “ontem”, que já passou, e sem te preocupares com o “amanhã”, que não sabes se chegará para ti»<sup>34</sup>.

- O primeiro inimigo do «hoje» é o «ontem». Se ficarmos presos às coisas do «ontem», que já se foram, a imaginação será facilmente dominada por lembranças melancólicas, frustrações amargas, recordações de alegrias mortas, ressentimentos azedos, saudades do que passou e não voltará...

Uma atitude, assim, inutilmente saudosista, despeja no “hoje” substâncias corrosivas, que fazem perder a alegria e a aplicação ao dever atual, e nos fazem perder tempo.

- O segundo inimigo do «hoje», o mais perigoso, é o «amanhã». «Amanhã» é o grande álibi do superficial e do preguiçoso. «Amanhã faço», «Amanhã vejo», «Mais para a frente vai dar para fazer», «Hoje não estou inspirado, não estou bem disposto»...

O amanhã, outras vezes, é como um fantasma que oprime o coração com os terrores da insegurança, das dúvidas, dos perigos, das possíveis adversidades ... Sentimentos todos que são explicáveis, mas não são cristãos. Jesus vai dizer-nos: *Não vos inquieteis com a vossa vida... O vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas estas coisas. Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça [santidade], e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo (Mt 6,25.33).*

Creio que tinha razão aquele que dizia que, se queremos aproveitar responsabilmente o tempo, devemos pensar que «o pior momento é o melhor

---

<sup>34</sup> *Caminho*, n. 253

momento». Com esse paradoxo queria significar que, quando a preguiça ou a covardia nos sugerem que não é um bom momento para enfrentar uma tarefa pendente, abordar um problema familiar, parar para fazer uma visita ao Santíssimo..., pouco depois experimentaremos, frustrados, que aquele «agora» era o momento certo e, em muitos casos, o único.

Com muita razão, são Josemaria afirmava que «Amanhã! Algumas vezes, é prudência; muitas vezes, é o advérbio dos vencidos»<sup>35</sup>.

Gosto de lembrar um homem santo, o Bem-aventurado bispo vietnamita F. Xavier Nguyen Van Thuân, preso durante treze anos pelo governo comunista, que no cárcere – com seu passado truncado e o futuro sem perspectivas –, descobriu com lucidez o que agora meditamos.

«Nas longas noites de prisão – contava no retiro que pregou ao Papa João Paulo II e à Cúria romana em 2000 – me convenci de que viver o momento presente é o caminho mais simples e seguro para alcançar a santidade. Esta convicção me sugeriu uma oração: “Jesus, eu não vou esperar, quero viver o momento presente enchendo-o de amor. A linha reta é feita de milhões de pequenos pontos unidos uns aos outros. A minha vida também é feita de milhões de segundos e de minutos unidos entre si. Se eu viver cada segundo, a linha será reta. Se eu viver com perfeição cada minuto, a vida será santa... Em cada minuto quero dizer-te: “Jesus, eu te amo; a minha verdade é sempre uma nova e eterna aliança contigo”»<sup>36</sup>.

### III. A CRUZ DE «CADA DIA»

#### 1. A CRUZ QUE CONVIDA

*Ponto de luz. «É necessário que te decidas voluntariamente a carregar a cruz. Senão dirás com a língua que imitas a Cristo, mas as tuas obras o*

---

<sup>35</sup> *Caminho*, n. 251

<sup>36</sup> *Testemunhas da esperança*, 8ª edição. Cidade Nova, São Paulo 2018, p. 62

***desmentirão »... « Pede ao Senhor que te ajude a contrariar-te por seu amor; a pôr em tudo, com naturalidade, o aroma purificador da mortificação»***  
(*Amigo de Deus*, nn. 129 e 138).

## **O combate do amor**

São Paulo sintetizava vida cristã dizendo: *Progredi no amor, assim como Cristo também nos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de suave odor (Ef 5,1).*

Cristo deixou muito claro que não se pode andar no amor se não se toma, todos os dias, a cruz: *“Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia, e siga-me (Lc 9,23).* E ainda: *Quem não carrega a sua cruz e me segue, não pode ser meu discípulo (Lc 14,27).*

Por quê? Porque a cruz de Jesus foi o ápice do amor na história da humanidade. E, sem a cruz, não é possível amar como Cristo, não se pode amar *como eu vos amei (Jo 13,34).*

Todos temos a experiência de que, no nosso íntimo, há constantemente uma batalha entre o bem e o mal. Todos nos damos conta de que, ao lado de muitas coisas boas que fazemos, falhamos diariamente em muitas outras.

Há uma experiência pessoal, pois, que nos diz que temos em nós duas forças antagônicas. Uma que nos puxa para a coragem e para o bem; outra, para a covardia e para o mal. Vemo-nos, assim, retratados no que escrevia São Paulo: *De fato, não entendo o que faço, pois não faço o bem que quero, mas o mal que detesto (Rm 6,15).*

São Paulo descreveu várias vezes essa luta íntima como um combate entre o *homem novo* e o *homem velho*. *Homem novo* é o filho de Deus, renascido no Batismo, que se deixa guiar pela força do Amor. *Homem velho* é o homem abandonado a si mesmo que, sem o auxílio da graça, é arrastado pelas paixões do egoísmo.

## O “sim” que nasce de um “não”

Ao considerarmos essa realidade, entendemos melhor o sentido das palavras de Jesus: *Negue-se a si mesmo* [ou seja, negue o homem velho], *tome a sua cruz cada dia* [pratique diariamente a mortificação, que é um “não” aos apelos do egoísmo] e  *siga-me* [diga “sim” ao amor, quando sente a inclinação de dizer não]. Se desejamos mesmo dizer «sim» ao amor, será preciso que digamos muitas vezes «não» ao antiamor. Nisto consiste é a mortificação cristã: um sim com cara de não.

Se agora alguém lhe perguntasse pelos seus defeitos, por pouca sinceridade que tivesse, “soltaria” uma lista: sou brusco, sou orgulhoso, não tenho paciência, tenho preguiça de começar coisas que custam, não sou pontual, falta-me autodomínio na comida, na bebida, na curiosidade, na sensualidade, no uso do smartphone...

*Tome a sua cruz cada dia.* É a nós que Jesus fala: *cada dia.* Você sabe que regar, molhar, dá vitalidade, vigor e crescimento às plantas. A mortificação pode ser comparada com essa água vivificante. “Regando” todos os dias com um pouco mais de sacrifício os nossos deveres e virtudes, a nossa vida cristã amadurecerá e ficaremos gratamente surpreendidos com o resultado.

Para explicar isso, um meu amigo usa uma comparação muito pouco teológica, mas muito realista: «Vida cristã sem mortificação, é como uma omelete sem ovos».

### «O aroma purificador da mortificação»

«Pede ao Senhor – líamos essas palavras no início do capítulo – que te ajude a contrariar-te por amor; a pôr em tudo, com naturalidade, o aroma purificador da mortificação»<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> *Amigos de Deus*, n. 138

O amor nos alerta, por assim dizer, quando tomamos consciência dos nossos defeitos, e da fraqueza das nossas virtudes. Diz o amor: «Faça aqui uma pequena mortificação para corrigir esse defeito, ou para reanimar essa virtude anêmica».

Sugiro-lhe que, num momento oportuno, pegue num papel, ou abra um bloco de notas no celular, e faça uma lista das mortificações «personalizadas» que deveria praticar, ou seja, daquelas que lhe fazem mais falta e que, por isso mesmo, constituem a *sua cruz*.

Primeiro, prepare uma lista geral. Depois, dentre as mortificações da lista selecione só duas ou três, aquelas que «agora», hoje e nos próximos dias, se dispõe mesmo a fazer. Depois, revise todas as noites, antes de dormir, se cumpriu esse plano ou não.

A título de exemplo, vou lhe sugerir apenas algumas *mortificações cotidianas* que a muitos fazem um grande bem:

- Levantar-se na hora certa, vencendo a preguiça, sobretudo se o dia está frio, ou se enrolamos na noite anterior e fomos dormir tarde.
- Cuidar da ordem no armário, nas gavetas e na mesa de trabalho: não amontoar tudo como num lixão, nem deixar a roupa jogada por qualquer canto. Já se propôs alguma vez adotar aquele conhecido lema: «Um lugar para cada coisa, e cada coisa no seu lugar»?
- Vencer a resistência que sentimos de fazer uma seleção e limpeza de velhos papéis, de antigas faturas, de cartas, folhetos, propagandas e documentos inúteis, de cacarecos e roupas que não utilizaremos mais. Por que não aproveita uma tarde de feriado para botar ordem nisso?
- Mortificar-nos para ganhar um pouco mais de autodomínio no comer, no beber, no falar, no dormir. Por quê não come um pouquinho menos do que gosta, e um pouquinho mais do que não gosta? (é um conselho que dava são



Josemaria). Já ouviu falar da «tragédia da manteiga» vivida por um padre irlandês muito santo? Lutava «à hora do café da manhã: “Não comi manteiga...Comi manteiga!”»<sup>38</sup>.

- Esforçar-se por ser pontual: no trabalho e, em geral, nos compromissos (sem deixar pessoas irritadas pelo atraso); ser pontual também na hora de fazer as suas práticas espirituais, evitando deixá-las para depois.

- Lutar, rezando muito, contra a onda doentia de sensualidade, que domina as pessoas com verdadeiras patologias (pornografia). Por quê há de olhar tudo, “fuçar” tudo, alimentar imaginações obsessivas? Peça a Deus o domínio próprio de uma pessoa de bem.

- Enfim, para não alongar a lista, calcule quantas horas por semana perde com as redes sociais e as séries, e tire as suas conclusões (mortificações muito concretas: só entrar a tal hora, só assistir a um ou dois episódios, não ultrapassar tanto tempo, etc.).

Finalmente, pense que essas mortificações voluntárias, como são Josemaria lembrava, só terão sentido cristão se são feitas por amor e com amor.

## 2. A CRUZ QUE NOS É DADA

*Ponto de luz: « Quando nós, os cristãos, passamos mal, é porque não damos a esta vida todo o seu sentido divino. Onde a mão sente a picada dos espinhos, os olhos descobrem um ramo de rosas esplêndidas, cheias de aroma » (São Josemaria, Via Sacra, VI, n. 5).*

### As contrariedades cotidianas

A Cruz de Cristo – dizíamos – foi a maior manifestação do amor de Deus na história da humanidade. Nela contemplamos «o Coração que tanto amou os homens», como Jesus dizia a santa Margarida Maria. Por isso, seja qual for a

---

<sup>38</sup> cf. *Caminho*, edição comentada, n. 205. O padre chamava-se William Doyle

forma em que a cruz se apresente, sempre é para nós, se a soubermos enxergar com os olhos da fé, um apelo para imitar Jesus.

Vamos focalizar agora a cruz de cada dia que nós não procuramos nem escolhemos, mas que vem ao nosso encontro.

Não há dia em que não apareçam contrariedades. Ora falha o despertador, ora a criança amanhece com febre, ora o bate-estacas da obra vizinha agride os nervos, ora o computador emperra, ora o mau humor do marido ou da mulher ou do chefe caem sobre a nossa boa vontade como um balde de água fria.

É a outra face da cruz de cada dia: a cruz *passiva*. Uma cruz da qual ninguém escapa... Mas, escapar por quê? É muito melhor estender as mãos para ela e perguntar: «Que espera de mim?» Naturalmente a cruz não falará, mas Deus sim, e responderá: «Quero ajudar-te a dar mais, a ser menos avarento do teu tempo e dos teus planos; a ser mais paciente, mais desprendido, mais generoso, mais compreensivo com o próximo, menos apegado ao prazer e à vida mansa...».

Na estação da Via Sacra que fala de Simão Cireneu, o homem que voltava do campo e foi obrigado pelos soldados a carregar a cruz de Jesus, são Josemaria comenta: «Às vezes, a Cruz aparece sem a procurarmos: é Cristo que pergunta por nós»<sup>39</sup>.

Peçamos a Deus que nos ajude a ouvi-lo. Porque é tão fácil escutar-nos só a nós mesmos: «Outra vez! Agora mais essa! Assim não dá para trabalhar! Não é possível aguentar tanta desordem! Falaram na loja que trariam aquela peça, perdi uma manhã inteirinha e lá me dizem que ainda não chegou!...».

Nada de queixas, xingamentos ou gritos..., que evidentemente não nos santificam! O importante é descobrir o que Deus nos pede através das contrariedades cotidianas. Pode pedir-nos, por exemplo:

---

<sup>39</sup> Quinta estação.

- Que vejamos naquela cruz, com a paciência e a fé, a mão de Deus, o trabalho do artista divino, que nos quer polir, purificar. «Não te queixes, se sofres. Lapida-se a pedra que se estima, que tem valor. – Dói-te? - Deixa-te lapidar, com agradecimento, porque Deus te tomou nas suas mãos como um diamante... Não se trabalha assim um pedregulho vulgar»<sup>40</sup>.

- Que lutemos para ver o lado bom daquelas pessoas que nos irritam, e assim nos tornemos mais compreensivos; e que, passado o ardor da ira, procuremos tratá-las com coração pacífico e gesto amável.

- Que o pai e a mãe se deem conta de que, se o filho está ficando impossível, talvez seja – ao menos em parte – pela sua falha em dar-lhe a educação que precisa: uma dedicação afetuosa, unida a uma grande firmeza.

- Que não fiquemos atolados na frustração dos fracassos. Que ofereçamos a Deus – pedindo por alguma intenção importante – o malestar produzido pelo nosso insucesso, por um trabalho estragado, por um malentendido que nós não provocamos.

Ao mesmo tempo, perguntemo-nos a nós mesmos: «Porquê isso *me contraria*? Será porque é absurdo? Porque é injusto? Porque é mal intencionado...?». Nem sempre. Se enxergássemos o fundo da nossa alma, perceberíamos que certas contrariedades – corriqueiras e normais na vida de qualquer pessoa – nos abalam por causa da nossa falta de caráter. Contrariámo-nos porque batem numa virtude fraca.

### **Cruzes dolorosas que permanecem**

Há outras cruzes que também podemos chamar «cotidianas», não por serem como os pequenos aborrecimentos diários, mas porque, sendo mesmo sofrimentos graves, Deus permite que nos acompanhem dia após dia, cotidianamente, por meses, por anos, e às vezes durante a vida inteira.

Todos conhecemos, na nossa vida, ou na vida de pessoas queridas, esse perfil da cruz: deficiências físicas congênitas, doenças crônicas ou progressivas,

---

<sup>40</sup> *Sulco*, n. 235

perda de pessoas muito amadas, acidentes que deixam sequelas graves, perda de bens ganhos com muito esforço...

Estamos aqui diante do mistério inefável da Cruz de Cristo, um mistério diante do qual devemos ajoelhar-nos com imenso respeito, humildade e fé. Deus está querendo associar à sua Cruz salvadora algumas almas que ele elege, algumas criaturas que – ao contrário do que muitos pensam – ele ama mais do que a ninguém, filhos e filhas seus nos quais confia, e por isso os torna colaboradores estreitamente unidos a Ele na obra divina da redenção do mundo.

Uma mulher parálitica que, na imobilidade do seu leito, oferece o seu sofrimento pela salvação das almas, reza constantemente o Terço, sofre com paz, sempre sorri e tem para todos uma palavra boa, provavelmente está fazendo mais pela salvação do mundo do que cem pregadores tíbios.

São João Paulo II, na sua Carta Apostólica sobre “A dor que salva” <sup>41</sup> , escreveu estas belas palavras:

«O Redentor sofreu em lugar do homem e em favor do homem. Todos os homens têm a *sua participação na Redenção*. E cada um dos homens é também *chamado a participar daquele sofrimento* por meio do qual se realizou a Redenção; é chamado a participar daquele sofrimento por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano. Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo *elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível da Redenção*. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, podem tornar-se participantes do sofrimento redentor de Cristo».

Neste mundo em que, ao lado de tantas bênçãos de Deus e de tantas pessoas boas, se deixam sentir com força ventos e tempestades de pecado, as almas generosas que sofrem com amor, unidas ao Senhor, são como que «outros Cristos», que contrabalançam, abraçados à sua Cruz, o peso dos crimes do mundo. Tornados eles próprios uma só coisa com Cristo sofredor, essas mulheres e homens de fé – os santos, os mártires, os inocentes, os doentes, as crianças,

---

<sup>41</sup> Carta Apostólica *Salvifici doloris*, de 11/02/1984

os «humilhados e ofendidos»... – são os que mantêm no mundo, como uma tocha acesa, a esperança da salvação<sup>42</sup>.

Todas essas pessoas, que tanto admiramos, estão dizendo com são Paulo: *Fui crucificado junto com Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim (Gl 2,19-20)*.

### 3. NÃO SERMOS NÓS A “CRUZ” DOS OUTROS

*Ponto de luz: «Deveis empenhar-vos, com um empenho muito particular, em tornar a vida agradável a todos, sem nunca vos mortificardes uns aos outros» (São Josemaria, Meditação, 13-04-1954)<sup>43</sup>.*

#### Os nossos espinhos

Jesus disse-nos: *Tome a sua cruz*; mas não nos disse: *Seja você a cruz dos outros*.

Nunca ouviu comentar: «essa pessoa é a minha cruz»? É uma queixa frequente, ao falar do marido, da mulher, da sogra, de um filho desorientado, do chefe, de um sócio, etc. Como é óbvio, isso significa que essa pessoa torna a vida difícil pelo seu mau caráter, sua prepotência, seu desleixo, suas mentiras, suas trapalhadas. «Não há cristão que aguente», mais de uma vez ouvi essa exclamação.

A esse propósito, lembro-me de um comentário feito há muitos anos. Uma das minhas tias, pessoa excelente, casada com um tio muito querido (ambos já estão com Deus), tinha começado a se interessar pela formação espiritual e meditava o livro *Caminho*. Convidado a almoçar na casa deles, a tia recordou-me um ponto desse livro, o n. 174: «Não digas: essa pessoa me aborrece. – Pensa: essa pessoa me santifica», e comentou com um sorriso malicioso: «O teu tio me

---

<sup>42</sup> Cf. nosso livro *A sabedoria da Cruz*, Ed. Quadrante, São Paulo 2001, págs. 45-46

<sup>43</sup> Citado em: Álvaro del Portillo, *Caminhar com Jesus*, Quadrante 2016, pág. 137

santifica». Todos caímos na gargalhada. Bem sabíamos do caráter simpático e afetuoso daquele homem.

É bom tomarmos consciência de que nenhum de nós deve dedicar-se a «santificar» os outros. Pelo contrário, deveríamos tornar-lhes a vida agradável com a nossa caridade, a nossa compreensão, a nossa paciência e, especialmente, com a mortificação dos defeitos que incomodam os demais <sup>44</sup>.

Como nos obceca a nossa vaidade! Todos precisamos de limar tantos defeitos, tantos espinhos que arranham a vida dos outros, e nem os vemos nem os cortamos com a tesoura das nossas mortificações.

Não acha que será útil fazermos um pouco de exame sobre os nossos espinhos de cada dia?

### **Galeria de espinhos cotidianos**

Apontemos apenas alguns exemplos. Nós somos cruz para os outros:

- Com o nosso *mau gênio*. É muito fácil desculpar o nosso gênio e não mexer uma palha para mudá-lo. Deveríamos meditar com frequência estas palavras: «Não digas: “Eu sou assim... são coisas do meu caráter”. São coisas da tua falta de caráter... !»<sup>45</sup>.

- Somos cruz com a dureza das nossas *palavras*, que tantas vezes são espinhos verbais que espetamos nos demais:

- palavras de crítica: mania de censurar; reclamar do que os outros fazem, mesmo que o façam com boa vontade; .

- «Por que motivo – lemos em *Sulco*, n. 808 – entre dez maneiras de dizer “não”, há de escolher sempre a mais antipática».

- Dar broncas desproporcionadas (a filhos, a subordinados).

- Ter a mania de discutir tudo.

- Semear comentários pessimistas nas conversas.

---

<sup>44</sup> Cf. o nosso livro *Tornar a vida amável*, Ed. Cultor de Livros 2015

<sup>45</sup> *Caminho*, n. 4

– Falar mal dos ausentes: mexericos, cochichos, maledicência

- Somos cruz com a dureza dos nossos *silêncios*. Por exemplo:

– estar tão distraídos, que nem nos damos conta do assunto de que os outros estão falando; não contribuir em nada para tornar as conversas mais animadas e agradáveis.

– calar-nos para demonstrar grosseiramente o nosso desinteresse.

– fazer cara de vítima silenciosa quando padecemos algum mal, alguma contrariedade: ar soturno, cara triste, olhar de ovelha degolada. Deveríamos lembrar-nos do que diz Jesus sobre a penitência: *Quando jejuardes, não tomeis um ar sombrio como fazem os hipócritas... Quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, para que os homens não percebam que estás jejuando (Mt 6,16-17)*.

- Enfim, somos cruz prejudicando o próximo com as nossas *omissões*. Quantas omissões não há (diárias, às vezes contínuas), que atrapalham, prejudicam ou irritam os outros.

Nessa matéria, a lista dos «espinhos» com os quais machucamos os demais por omissão pode ser muito longa: falta das ajudas que poderíamos (que deveríamos) prestar em casa e no trabalho; egoísmo que nos leva a não ligar para as necessidades urgentes dos pobres e doentes, ou para a necessária – cada dia mais! – formação religiosa de todos, especialmente dos filhos. Alguns desses pontos serão repisados ao meditarmos sobre o cotidiano da família.

Não acha que têm muita razão estas palavras: «Onde não há mortificação não há virtude»<sup>46</sup>.

### **Sacrificar-nos uns pelos outros**

O contrário de mortificar-nos uns aos outros é sacrificar-nos uns pelos outros. Este é um contínuo ensinamento de Cristo – basta lembrar a parábola do

---

<sup>46</sup> *Caminho*, n. 180

bom samaritano: *Lc 10,29-37* –, um espírito que são Paulo resume com uma expressão clara: *Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo (Gl 6,2)*.

São Josemaria não se cansava de repisar esse traço fundamental do espírito cristão: «Diga cada um a si mesmo: vou incomodar-me um pouco com todo o gosto, para tornar mais amável o caminho dos outros»<sup>47</sup>.

Como é que nos damos, que nos “dedicamos” aos demais? Não pensemos que já estamos fazendo o que devemos. Tenhamos sempre presente que Cristo deu a vida por nós, e continua a dá-la, sobretudo na Eucaristia. Ele pede-nos mais.

Nunca esqueci palavras de são Josemaria que anotei na minha agenda, nos anos em que pude conviver com ele, concretamente em 1954: «Dar-se aos demais é de tal eficácia, que Deus o premia com uma humildade cheia de alegria».

É tão bom descobrir isso: que dar-se aos outros, em casa e fora de casa, facilita o esquecimento de nós mesmos – evita o jogo do egoísmo, tão voraz –, e se traduz em paz, simplicidade e alegria para todos: para nós e para os demais.

Podemos encerrar este capítulo com as seguintes reflexões do *santo do cotidiano*:

« Quantas mães conhecestes tu como protagonistas de um ato heroico, extraordinário? Poucas, muito poucas. E, no entanto, mães heroicas, verdadeiramente heroicas, que não aparecem como figuras de nada espetacular, que nunca serão notícia – como se diz – tu e eu conhecemos muitas: vivem negando-se a todas as horas, cerceando com alegria os seus próprios gestos e inclinações, o seu tempo, as suas possibilidades de afirmação ou de êxito, para atapetar de felicidade os dias de seus filhos»<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> Cf. Álvaro del Portillo, obra citada, pág. 137

<sup>48</sup> *Amigos de Deus*, n.134



### III. A FAMÍLIA NO DIA A DIA

#### 1. SOMBRAS NO LAR

*Ponto de luz: «O convívio é possível [na família] quando todos se empenham em corrigir as deficiências próprias e procurar passar por alto as faltas dos outros... Pelo contrário, se dramatizamos os pequenos contrastes e mutuamente começamos a lançar em rosto uns aos outros os defeitos e os erros, então acaba a paz e corremos o risco de matar o amor» (Entrevistas com Mons. Escrivá, n. 108).*

#### O desgaste do tempo

Nos quadros de pintores famosos, admiramos muitas vezes a perfeita combinação de luzes e sombras. Quando passa o tempo, porém, muitos desses quadros escurecem: as sombras dão cabo da beleza do original.

Na vida do lar acontece a mesma coisa. Há luzes e sombras, bons e maus momentos. No início do casamento, em geral, predominam as luzes: a lâmpada do carinho dá a tonalidade dominante. Mas, conforme vai passando o tempo, em muitos casos – demais! – as sombras avançam, esbatem a luz, e finalmente a apagam. O lar, a família, entram assim num declínio crepuscular, ao qual se pode aplicar o que os discípulos de Emaús diziam a Cristo: *Fica conosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso (Lc 24,29)*.

Há tantas famílias em processo de ocaso! Nelas crescem sombras de decepção, de cansaço, de tristeza, de ressentimento..., até chegarem à noite da ruptura.

Que acontece?

- Com a passagem do tempo, o desgaste parece inexorável. Cai o banho de ouro das aparências e ilusões, e aparece o metal barato ou o plástico de que estamos feitos, que a douração cobria. São as limitações; os defeitos enraizados,

que se tornam mais evidentes e incômodos; as arestas do caráter; as manias, a falta de preparo e de responsabilidade para uma vida a dois e para a formação dos filhos... Tudo isso é material pronto para a combustão.

- Ao lado dessas carências pessoais, o banho de ouro é raspado também pelos problemas novos que vão aparecendo: profissionais, financeiros, problemas de saúde, e os que acrescentam os filhos.

Será que a caducidade é lei da vida, e, por isso, seria melhor aceitar com resignação que «a vida é assim mesmo»? Não. Eu não estou disposto a aceitar que seja «caso único» o de um bom amigo que agora, com mais de oitenta anos e bodas de ouro já comemoradas, continua a dedicar à esposa, quase todos os dias, uma poesia, e ambos vivem felizes?

Não. Há muitos lares aos quais o longo repetir-se do cotidiano não desgastou, mas aprimorou. Os problemas, as decepções e as dores inevitáveis fizeram-nos sofrer, mas foram um cadinho purificador. Tiveram alma suficientemente grande para superá-los, e o que era um início de crepúsculo transformou-se em amanhecer.

### **O espelho maldito**

Toda explicação dos fracassos e sucessos da família deve ser encontrada na forma como se vive o binômio egoísmo-amor.

Muitos veem com as lentes do egoísmo o sacrifício indispensável para construir a vida conjugal e familiar. Encaram a renúncia com repugnância, como um mal intolerável que deveria ser eliminado a todo o custo. Para essas vítimas da maior das fraquezas morais – o amor-próprio egoísta – tudo se torna um problema com o qual não é possível lidar.

Homens e mulheres medularmente egoístas encaram o casamento como uma jogada, na qual arriscam apostar, como quem joga pôquer. Se não dá sorte e vantagens rápidas, partem para outras apostas. São os que vão ao casamento,

ou à «união estável», com uma mão que só sabe receber, e a outra fechada sobre si mesmos, sobre o seu «eu», o «seu precioso», para dizê-lo como o abominável Golum do *Senhor dos Anéis*.

Essas pessoas, egoístas mais ou menos sentimentais, na realidade casam-se com seu próprio espelho, pois só querem ver e encontrar no outro a si mesmos: que o outro seja o reflexo dos seus desejos, dos seus gostos, manias, preferências e pecados. Se o cônjuge não é um bom espelho, não está programado para dizer sempre «sim, meu bem, como você quiser», a união logo começa a balançar.

### **O jogo voraz da rotina**

Como já meditamos, o tempo passa e a habituação parece fazer perder a graça às pessoas e às coisas, também ao amor. O que antes encantava, agora cansa, irrita, chega a enojar.

Estamos enganados se pensamos que esse tédio procede da simples «repetição» das coisas, ou do cansaço de ver dia após dia a mesma cara, as mesmas reações e atitudes. Na realidade, procede da «estagnação» do nosso coração, que não soube manter a juventude do amor.

É preciso pedir a ajuda a Deus e lutar muito para vencer essa doença da rotina decadente, uma rotina que tem duas faces:

- *A rotina decadente do mal.* A pessoa mostra sempre o mesmo temperamento insuportável, os mesmos erros, as mesmas falhas, as mesmas mesquinhas, as mesmas discussões, as mesmas cobranças que, com os anos, em vez de melhorar, pioram. Euclides da Cunha fala da «mesmice torturante daquela existência imóvel»<sup>49</sup>.

É preciso dar-se conta de que o casamento, por si, não muda o jeito apático, negativo, crítico, explosivo, dominante, viciado, da pessoa com quem

---

<sup>49</sup> À margem da história, p. 85

você se casou. Vocês não são uma fada e um mago, cada qual com sua vara de condão para mudar o outro. O decisivo é que tenham um empenho muito grande de mudar cada um a si mesmo. É o único jeito.

- *A rotina monótona do bem.* É própria das pessoas que são boas, idealistas e bem intencionadas, mas que se acomodam, e não se renovam nem humana nem espiritualmente. Não têm a sadia inquietação de dar mais passos de melhora, não sonham em que o lar se ilumine, surpreendido por novas iniciativas e novas manifestações de carinho. Assim, as coisas boas vão se desbotando como uma velha fotografia.

Essa «bondade de simples manutenção» é traiçoeira. As pessoas – e, com elas, a família – ficam por baixo das circunstâncias, não conseguem estar à altura com a sua «recusa de crescer», seu «complexo de Peter Pan»; por isso, não alcançam a «temperatura espiritual» necessária para enfrentar novos desafios. Cada vez mais defasados, limitam-se a ir a reboque da máquina da rotina. Vão enterrando, assim, o ideal com que celebraram a inauguração de uma nova família. Não esqueça que essas pessoas são as que costumam dizer que dedicar-se mais intensamente à formação e à espiritualidade cristã é fanatismo ou exagero.

## 2. LUZES NO LAR

*Ponto de luz: «Às vezes, fala-se do amor como se fosse um impulso para a satisfação própria, ou um simples recurso para completarmos em moldes egoístas a nossa personalidade. E não é assim: o amor verdadeiro é sair de si mesmo, entregar-se. O amor traz consigo a alegria, mas é uma alegria com as raízes em forma de cruz... O amor deve ser renovado dia a dia; e o amor se ganha com o sacrifício, com sorrisos, com arte também» (Entrevistas a Mons. Escrivá, nn. 43 e 107).*

**Um projeto a ser realizado**

São Josemaria falava sempre de que os lares cristãos deveriam ser «luminosos e alegres».

Enchem-se de luz os lares em que o casamento e a família são vistos como um «projeto» a ser realizado dia após dia, entre os três (marido, mulher e Deus). Entendem que o matrimônio cristão é – como o sacerdócio – uma «vocação» e uma «missão», que o dia das núpcias é apenas um início, que exigirá um aprendizado, uma retificação, um aprimoramento e uma renovação contínuos<sup>50</sup>.

Alguém dizia, com aparente seriedade, que «o matrimônio não existe», e com isso queria significar que é como o projeto de uma construção apenas planejada; só se tornará real quando os esposos, com a oração, com o aprofundamento na formação cristã, e a experiência, comecem a construí-lo. E deve ser uma construção permanente, diária, uma tarefa que durará a vida inteira.

Precisarão os esposos de cuidar dos alicerces, as bases fortes de um ideal familiar cristão; e escolher os melhores materiais: as virtudes humanas e sobrenaturais aplicadas a cada situação, fácil ou difícil: fé, esperança, amor, prudência, fortaleza, generosidade, desprendimento, justiça, etc.

O alicerce insubstituível da família, como de toda a vida cristã, é Cristo, que está sempre pronto para ajudar, mediante graça do Sacramento do Matrimônio. *Cada um veja como constrói* – dizia São Paulo –. *Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo (1Cor 3,10-11).*

Sobre esse alicerce, os materiais são as virtudes. Uma família, um lar, construído sobre o direito de ser feliz e os meros sentimentos, é uma casa de papel que um fósforo pode reduzir a cinzas.

Ora, entre as muitas virtudes que se devem conjugar para a edificação de uma família bela e sólida, penso que há duas que têm um papel fundamental: a *humildade* e a *generosidade*.

---

<sup>50</sup> Cf. nosso livro *A paz na família*, 2ª edição, Quadrante 1999

## A humildade

Quando se cultiva essa virtude, vai-se adquirindo um «seguro de amor», que previne a falência. O que desgasta a família é quase sempre a falta de humildade: quer se chame soberba, egoísmo, susceptibilidade, teimosia, prepotência... Tudo isso são colorações diversas do orgulho.

A experiência mostra que as duas frases de santos que vou citar a seguir estão carregadas de razão:

- Santo Agostinho: «Não há caminho mais excelente que o do amor, mas por ele só podem transitar os humildes».
- São Josemaria: «A soberba é o maior inimigo da vida conjugal».

Sugiro que se examine sobre algumas manifestações de humildade, que anoto a seguir:

- O *respeito* mútuo dos esposos. Cada ser humano é imagem de Deus, e só por isso merece ser respeitado. São Josemaria recordava que Cristo morreu por todos, e que «cada um vale todo o sangue de Cristo». Quando se perde o respeito entre marido e mulher, torna-se impossível a compreensão e o diálogo. Crescem as humilhações mútuas, a grosseria, o desprezo e a injúria, falhas que são a peste do amor.

Com o egoísmo, o marido tende para a passividade no lar, para a poltrona, o jornal, a tv, e outras formas de esquecimento dos problemas domésticos. A mulher tende a cair no desleixo na apresentação, nas reclamações excessivas e nos maus modos; e os nervos ficam mais prontos para disparar.

Um excelente ato de respeito é saber *escutar*, sem menosprezar a pessoa que fala. A *Imitação de Cristo* diz: «Não queiras confiar demais na tua opinião... Sempre ouvi dizer que é mais seguro ouvir e receber conselho do que dá-lo... É sinal de orgulho e teimosia não querer concordar com os outros quando a ocasião

e a razão o pedem»<sup>51</sup>. A virtude da prudência – muito ligada à razão e à reflexão – é a que nos indicará quando convém calar e escutar e quando falar.

- A *misericórdia*, que é a capacidade de compreender e relevar as misérias alheias, assim como Deus compreende e perdoa as nossas. Consiste em saber desculpar, em não revidar na hora, em tratar de esquecer, mudar de conversa, perdoar. *Perdoai e sereis perdoados*, dizia Jesus (Lc 6,37), e respondendo a uma pergunta de Pedro sobre a frequência do perdão, disse-lhe que é preciso perdoar não só sete vezes, mas setenta vezes sete (Mt 18,22).

Custa perdoar. Sem dúvida. Mas, com Deus, podemos. Peçamos-lhe que Ele, todopoderoso, queime o arquivo maligno que guardamos no coração, contendo a lembrança de todas as mágoas antigas e recentes. Essas mágoas que, quando um esposo ofende o outro, emergem como uma lista interminável de recriminações e acusações mútuas. Como sofre o amor por não termos sabido calar e abandonar as nossas dores nas mãos de Deus!

- A *gratidão*. É importante agradecer tudo, até os menores serviços e atenções, com simplicidade; sem cair no acostumamento, como se tivéssemos direito a tudo. É um conselho que o Papa Francisco não se cansa de repetir aos casais. Costuma falar de «três palavras-chave» para fazer o casamento durar: “Posso?”, “Obrigado” e “Desculpe”<sup>52</sup>. Pense que um pequeno elogio, uma palavra amável bem escolhida, é como pó de estrela que ilumina o dia.

## **A generosidade**

Amar é dar, sobretudo é dar-se. O egoísta só pensa no que recebe, e então calcula com uma balança interior mesquinha o pouco que dá. O generoso é como Jesus, que não se poupou em nada e deu a vida por nós.

Vamos lembrar agora apenas dois aspectos da generosidade no cotidiano do lar:

---

<sup>51</sup> Livro I, capítulo 9

<sup>52</sup> Ver a Exortação apostólica *Amoris laetitia-A alegria do amor*, de 19 de março de 2016, n. 133

- Ultrapassar-se a si mesmo. Não pensar: «Já faço muito, faço até demais». O coração generoso sempre diz: «Plus ultra» – «Mais além», como os antigos navegantes.

- Às vezes, esse «além» será algum sacrifício mais custoso, que exige vencer o bem-estar e o comodismo. Mas, na maioria dos casos, será «ir além» em pequenos pormenores: nas coisas pequenas que renovamos, na inventividade no cuidado das coisas mais comuns (como evitar a monotonia nas refeições ou nos assuntos de conversa; como cuidar da limpeza e dos enfeites que alegam o lar; ou como vencer o desleixo no arranjo pessoal). É aí onde se deve concentrar o espírito que refaz tudo, que transforma o mais comum em uma floração cheia de surpresas e de encanto.

- Para finalizar, pensemos que é da máxima importância o cultivo constante da vida espiritual. Já víamos que Deus deve ser o Mestre de obras na construção do lar. Vou acrescentar agora que Ele deve ser a Vida da vida dos protagonistas do lar. Alimentemo-nos do Pão de Deus na Santíssima Eucaristia, da sua Palavra na oração; das outras práticas de piedade próprias do homem e da mulher de fé; e peçamos uma maior participação nos *frutos do Espírito Santo*, que enumera são Paulo: *amor, alegria, paz, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio* (Gl 5,22-23).

### **3. SERMOS LUZ NA FAMÍLIA**

*Ponto de luz: «Os pais educam fundamentalmente com a sua conduta. O que os filhos e as filhas procuram no pai e na mãe não são apenas uns conhecimentos mais amplos que os seus, ou uns conselhos mais ou menos acertados, mas algo de maior categoria; um testemunho do valor e do sentido da vida encarnado numa existência concreta, confirmado nas diversas circunstâncias e situações que se sucedem ao longo dos anos» (É Cristo que passa, n. 28).*

**Ser luz ou sombra**



Se pensarmos de novo no problema das sombras e luzes no lar, Jesus nos alertará: *Vós sois a luz do mundo... Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos Céus (Mt 5,14.15).*

Cristo dirige a todos estas palavras, para nos tornar conscientes de que, com o nosso comportamento, aproximamos ou afastamos os outros do *Pai que está nos Céus...* Nada do que fazemos é neutro: tudo exerce uma influência positiva ou negativa, e isso se aplica especialmente aos pais em relação aos filhos. «Os pais – líamos no início deste capítulo – educam fundamentalmente com a sua conduta».

Podem-se dizer muitas coisas sobre o valor do exemplo dos pais; há algum tempo já tratei deste assunto por extenso<sup>53</sup>. Agora desejava apenas lembrar, focalizando o cotidiano da família, algumas qualidades imprescindíveis do exemplo para que seja realmente luz que brilha e edifica.

### **O teste da coerência**

Jesus censura os fariseus porque *dizem e não fazem (Mt 23,3)*. Vocês, pais e mães, procuram praticar os conselhos que dão a seus filhos? Porque, se o exemplo contradiz as palavras, não serão luz, mas sombra.

Um mártir cristão do século II, o santo bispo Inácio de Antioquia escrevia: «É melhor calar-se e ser, do que falar e não ser. É maravilhoso ensinar quando se faz o que se diz»<sup>54</sup>.

- Há pais que fazem questão de que os filhos façam a Primeira Comunhão e sejam crismados, mas eles só vão à Missa de vez em quando, e os filhos nunca os veem confessando-se nem comungando com frequência

- Dão bronca ao filho porque falou mal de uma colega, e depois, no jantar, eles ficam criticando cunhadas e tios.

---

<sup>53</sup> Cf. o livro *A força do exemplo*, Quadrante 2005

<sup>54</sup> *Carta aos Efésios*, n. 15

- Apartam brigas dos filhos e os repreendem; mas esses mesmos filhos veem que os pais discutem irritados na presença deles. (Eis um conselho que são Josemaria repetia incansavelmente aos pais: «Nunca briguem diante dos filhos!»).

- Exigem que os filhos aproveitem o tempo, estudem muito e, ao mesmo tempo, os filhos contemplam a mãe perdendo horas com telenovelas e os dois com redes sociais, celular e tv noturna.

- Gostam de que os filhos façam de vez em quando um trabalho de voluntariado com os pobres; mas eles não fazem nem a terceira parte do que poderiam fazer para ajudarem os pobres e serem mais justos e misericordiosos.

.

Voltemos às palavras de Jesus: *que vejam as vossas boas obras*. O que é que veem os filhos?

### **O teste das virtudes**

As virtudes não se «aprendem» nos livros – muito embora as leituras nos possam ajudar <sup>55</sup> –, mas com os olhos, vendo-as encarnadas nos demais; no caso, nos pais.

Quando é que os filhos enxergam e valorizam virtudes nos pais? Eu diria que é sobretudo quando as contemplam neles em *todas as horas e circunstâncias, fáceis e difíceis*. Então percebem que não são virtudes de vitrine, umas amabilidades esporádicas e uma boa imagem que exibem só quando há visitas em casa ou com pessoas estranhas.

A autenticidade das virtudes comprova-se sobretudo nos «maus momentos». Se elas se mantêm em pé, é que são verdadeiras.

Disso tratava são Paulo na carta aos Romanos: *A tribulação produz a paciência, e a paciência uma virtude comprovada (Rm 5,3-4)*. É uma frase que se compreende melhor sabendo que a palavra original grega usada por ele inclui dois significados: *paciência* e *constância*; saber sofrer, e perseverar no bem.

---

<sup>55</sup> Cf. nosso livro *A conquista das virtudes*, Ed. Cultor de Livros, 2014

Na prática, os filhos aprendem:

- Quando veem os pais contentes mesmo sem terem, nem desejarem, o que outros pais (materialistas, consumistas, vaidosos, exibidos) acham necessário para ser felizes.

- Quando veem que os pais tem firmeza para ir contra a «corrente dominante» e sabem dizer «não» ao que a maioria aprova e faz, quando é algo incompatível com os valores cristãos (não compactuam com a cultura pagã generalizada em matéria de moral, de ideias, de comportamento, de moda, de dinheiro, de experiências, de prazeres). E permanecem firmes quando os filhos não os compreendem e objetam que «todos fazem assim».

- Quando percebem que os pais não estão engessados espiritualmente, mas se esforçam por melhorar, por praticar com mais autenticidade a sua fé, e os veem cada vez mais convictos e felizes.

- Sobretudo, quando os veem reagir com fé, esperança e amor perante os sofrimentos, por grandes que sejam, isto é, quando os pais, em face da adversidade, têm uma atitude de paz e esperança próprias de filhos de Deus.

- Gostaria de pôr em destaque, enfim, que *hoje* – num mundo invertebrado, de valores falsificados, líquidos e voláteis –, há algumas virtudes humanas e cristãs, fazem mais falta, e que, portanto, os pais têm maior dever de cultivar e de infundir nos filhos:

- *sinceridade*: falar sempre a verdade, detestar a menor mentira, não dar o «jeitinho», não enrolar, serem francos sem agredir.

- *nobreza*: nunca falar mal de ninguém pelas costas do interessado.

- *sentido de compromisso*: serem homens e mulheres que dão valor à *palavra dada*. Não mudam conforme sopram os ventos do capricho e das «vontades». Não se desculpam, nem se desdizem à toa.

- *responsabilidade*: adquirir o senso do *dever*. Aprender com o exemplo dos pais que o dever e o amor têm que passar por cima do prazer, da facilidade e do capricho do momento. Não deixar que a palavra *dever* seja esmagada, na consciência dos filhos, pelo alarido dos «direitos» e a paranoia atual de só «reivindicar» sem a nada se obrigar.

— sentido da *partilha*: não serem fechados em seus interesses ou nos do seu grupinho de amigos, mas serem generosos e abertos para partilhar conhecimentos, planos e alegrias com quem mais precisa (são maravilhosos os rapazes e moças que alegram doentes ou anciãos com suas visitas frequentes, com os números ou músicas que preparam para diverti-los, com a celebração do Natal que organizam para eles; ou que dedicam fins de semana a dar reforço escolar a estudantes que não têm acesso a uma boa escolaridade).

Sugestões como as que acabamos de enumerar poderiam multiplicar-se. Pensem que isso tudo exige muito dos pais, sobretudo no meio da confusão de valores da atualidade. Formar filhos não é brincadeira. Mas não esqueçam que é um dos primeiros pontos sobre os quais Deus lhes pedirá contas.

Talvez comentem que é difícil, e se perguntem de onde tirar forças para tanto? Sobre essa pergunta, extensiva não só à família mas a todos os aspectos da vida cristã, trataremos a seguir, no capítulo final.

## **IV. UMA SÓ COISA É NECESSÁRIA**

### **1. MUITAS COISAS, UMA SÓ**

*Ponto de luz: «Eu queria afastar aqueles universitários e aqueles operários que me procuravam lá pela década de 30, da tentação de levar uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e, por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas. Não, meus filhos! Não pode haver uma vida dupla... Há uma vida única, feita de carne e espírito, e essa é a que tem de ser – na alma e no corpo – santa e plena de Deus, desse Deus invisível, que nós encontraremos nas coisas mais visíveis e materiais (cf. Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá, n. 114).*

**O vaso quebrado**

Faz já bastantes anos, admirei, na casa de um artista amigo, pintor e escultor, um forno de cerâmica. Era um novo trabalho artístico que ele estava iniciando. Explicou-me como funcionava e contemplei algumas das peças de argila esmaltada que ele conseguia criar, com grande domínio das cores. Ganhei dele um jarro e uma imagem da Virgem.

Ao levar para casa esses presentes, como é lógico, tomei cuidado pensando: Não vão se quebrar! Lembrei-me agora disso porque queria comentar-lhe uma frase da Bíblia, do livro do Eclesiástico (Sirácida): *O coração do insensato é como um vaso quebrado, que não retém a Sabedoria (Eclo 21,17).*

O conjunto dos cacos de um vaso quebrado tem a mesma quantidade de matéria que um vaso íntegro. Cada fragmento conserva a qualidade da argila, as boas cores esmaltadas..., mas os cacos esparramados perderam a finalidade, já não servem.

Apenas num vaso inteiro se podem admirar detalhes – na borda, na asa, no bojo, no pé –, que só se apreciam bem inseridos na beleza do conjunto. Assim também acontece com a vida do cristão.

Nos capítulos anteriores, estivemos meditando sobre vários aspectos da nossa vida diária: deveres, trabalho, família. Gostaria que nos perguntássemos agora: «São peças unidas, bem combinadas? O conjunto delas – dos elementos do cotidiano – forma uma *unidade*?»

Mário de Andrade, em um conhecido poema, diz: «Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta, mas um dia afinal eu toparei comigo». Pensando na dispersão de muitas vidas, cabe perguntar-nos: «Eu sou “quantos”?» «A minha vida é um conglomerado heterogêneo ou uma unidade» «Quantas vidas desconexas eu tenho?».

### **Uma quebra de unidade**

Um os melhores elogios que se podem fazer de uma pessoa é dizer que é um homem ou uma mulher «de uma só peça». São Josemaria falava da «unidade de vida» como da fisionomia espiritual própria que deveriam ter os seus filhos espirituais. Isso fica patente no «ponto de luz» que encabeça este capítulo. E isso punha em destaque também são João Paulo II na homilia da Missa da canonização do Fundador do Opus Dei. São Josemaria – dizia – «não cessava de convidar os seus filhos espirituais a invocar o Espírito Santo, a fim de que a vida interior, a vida de relação com Deus, e a vida familiar, profissional e social, composta de pequenas realidades terrenas, não estivessem separadas, mas constituíssem uma só existência, santa e plena de Deus».

Uma das cenas mais humanas do Evangelho é a que narra um momento de «quebra» de unidade entre duas irmãs: Marta e Maria. Elas, juntamente com seu irmão menor, Lázaro, costumavam hospedar Jesus em sua casa quando Cristo subia a Jerusalém. Lá, na aldeia de Betânia, muito próxima da cidade santa, ofereciam a Jesus o aconchego de um lar e o calor da amizade. Viam e tratavam Jesus como a um amigo íntimo a família.

A «desunião» (passageira) entre as duas irmãs, produziu-se num dia em que Jesus, descansando ali após uma jornada intensa, conversava com Maria e Lázaro. Marta, sendo a mais velha, assumira as honras da casa. *Maria, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra. Marta, porém – narra são Lucas –, andava atarefada com os muitos afazeres da casa. Ela aproximou-se e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda, pois, que ela venha me ajudar”.*

Você lembra a resposta que lhe Jesus deu: *Marta, Marta! Tu te inquietas e andas agitada com muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada (Lc 10,38-42)*. Muitas coisas, uma só coisa!

Jesus não quer contrapor aqui a contemplação espiritual de Maria ao conjunto dos trabalhos materiais de Marta. Isso é óbvio, uma vez que ele, juntamente com sua Mãe e são José, durante trinta anos, dedicaram a maior

parte dos dias ao trabalho – muitas coisas –, no lar e na oficina do carpinteiro. O Senhor censura carinhosamente Marta porque perdeu a paz e a caridade, porque caiu na agitação e no mau humor. No meio da azáfama da casa, poderia ter mantido o coração grudado ao coração de Jesus, como Maria e Lázaro, sem se irritar nem reclamar de Cristo.

Sempre, mesmo no maior aperto, o coração pode manter-se fixo em Deus. *Permaneça no meu amor* (Jo 15,4.8-10), pedia Jesus na Última Ceia. Esta é a *melhor parte*, que ninguém nos pode tirar. Tudo depende do coração. Víamos isso ao meditar sobre o trabalho santificado. Mesmo os cristãos mais mergulhados em afazeres materiais, podem dedicar-se ao trabalho de Marta com o coração amoroso de Maria. Marta e Maria não são «duas vidas». Esses dois corações devem ser um só em nós. Realizar essa síntese é o grande ideal que dá pleno sentido à vida cristã.

### «Vidas» desunidas

Continuemos pensando na «unidade de vida». Todos temos peças do «vaso» da vida que não conseguimos harmonizar *numa só coisa* (cf. Lc 10,42). Basta que lembremos algumas:

- Em 1933, são Josemaria estimulava a responsabilidade de um universitário, que não entendia a unidade da vida cristã: era «muito católico» mas péssimo estudante. Dizia-lhe: « Oras, mortificas-te, trabalhas em mil coisas de apostolado..., mas não estudas. – Não serves, então, se não mudas. O estudo, a formação profissional, seja qual for, é obrigação grave entre nós»<sup>56</sup>.

- Outra falta de unidade. Muitas vezes há, de modo geral, separação entre fé e vida. «O divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos – diz um documento do Concílio Vaticano II– deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo»<sup>57</sup>. Quantas pessoas acreditam, têm fé, mas, na prática, não aplicam a fé e a moral da Igreja à ética do trabalho, à vida matrimonial e familiar, etc.

---

<sup>56</sup> *Caminho*, n. 334

<sup>57</sup> Constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 43

«Tens-te dado ao trabalho de meditar no absurdo que é deixar de ser católico ao entrar na Universidade, ou na Associação profissional, ou na sábia Assembleia, ou no Parlamento, como quem deixa o chapéu à porta?»<sup>58</sup>.

- As orações e o real cotidiano podem ser encarados como se fossem duas gavetas independentes. Começa o dia. Abre-se a gaveta das orações da manhã. Fecha-se logo e abre-se a do trabalho, sem lembrar de Deus para nada, prontos para rir com os colegas das maiores baixarias. À noite, fazemos um pouco de leitura espiritual; fechamos essa gaveta e começamos a ser ásperos com a família ou a assistir pornografia na tv...

- É frequente a separação entre a vida no lar e a vida fora do lar. Fora do lar, com os amigos ou amigas, tudo é sorriso, cordialidade, bom humor, boa disposição. Dentro do lar o camaleão muda de cor: ali há caras fechadas, reclamações, queixas de cansaço, brigas à toa, pouco diálogo e pouco humor.

Já deve ter ouvido a história da mulher que, no dia do velório do marido – beberrão, mau caráter, violento, grosseiro e agressivo –, escutou os amigos de bar olhando para o defunto e tecendo-lhe os maiores elogios: «era tão bom, tão alegre, tão prestativo, tão camarada, tão amável...». A viúva, espantada, pediu a um filho: «Joãozinho, vai verificar se é mesmo seu pai quem está no caixão».

- Na nossa religiosidade, pode haver uma separação patológica entre o sentimentalismo superficial e a doutrina da fé. O sentimentalismo sem doutrina fatalmente cai na pieguice, na inconstância e na superstição. Dá-se, então, mais importância à «corrente mágica» de uma «reza milagrosa» (não aprovada pela Igreja), do que à Eucaristia, o maior Sacramento onde nos unimos ao próprio Jesus Cristo.

Como vê, é fácil que tenhamos o vaso da vida quebrado em pedaços que não combinam. Os fragmentos só se integram numa unidade, se o nosso coração não estiver «quebrado». Há unidade se, em todas as circunstâncias, dificuldades e desafios, o coração permanece em Deus e se mantém unido a ele com o imprescindível «cimento» da fé, da esperança e da caridade.

---

<sup>58</sup> *Caminho*, n. 353



*Onde está o teu tesouro, lá estará o teu coração*, dizia Jesus (Lc 12,34). Se Deus for o nosso primeiro e grande Amor, o nosso verdadeiro tesouro (o *único necessário*), o vaso da vida – nas mãos dele – não vai se quebrar.

## 2. SEMPRE RECOMEÇANDO

*Ponto de luz: «Passados cinquenta anos [desde a ordenação sacerdotal], sinto-me como uma criança que balbucia: estou começando, recomeçando como na minha luta interior de cada jornada. E assim até o fim dos dias que me restem: sempre recomeçando. O Senhor assim o quer, para que em nenhum de nós haja motivos de soberba nem de néscia vaidade»* (cf. *Instrumento de Deus*, cit., pág. 18)

### Um caminho para andar

Na primeira oração para a devoção privada a São Josemaria que foi aprovada pela Santa Sé, fala-se da Obra que Deus lhe inspirou com estas palavras: «Caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão».

Um «caminho de santificação» não é uma meta. Ele aponta para a meta, conduz até ela com segurança os que procuram segui-lo, mesmo que arrastemos faltas e fraquezas. Até o fim da vida teremos que lutar, precisaremos retificar, apoiados em Deus, porque sempre estará falhando alguma coisa. A santidade plena só desabrocha no Céu.

Avançar para a santidade, dia após dia, não é um processo triunfal, como quem vai «de vitória em vitória». São Paulo lembra-nos que trazemos o tesouro da graça divina *em vasos de barro*, frágeis (2 Cor 4,7). Os vasos se quebram, mas sempre se podem recompor. Ora, o que «soma» é sempre o amor com que procuramos tanto agir bem como pedir perdão depois de agir mal.

«Sei que te portaste bem...– dizia são Josemaria –, apesar de teres caído tão fundo. - Sei que te portaste bem, porque te humilhaste, porque retificaste, porque te encheste de esperança, e a esperança te trouxe de novo ao Amor. - Não faças essa cara boba de surpresa; de fato, te portaste bem! – Já te levantaste do chão. *Surge*, clamou de novo a voz poderosa, *et ambula!* – [“Levanta-te e anda”] - Agora, ao trabalho!»<sup>59</sup>

Acima de tudo, não esqueçamos que o protagonista principal dessa caminhada é Deus. Ele – como diz Bento XVI – «incessantemente vem ao nosso encontro... Ele nos amou primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos corresponder com o amor»<sup>60</sup>.

Neste sentido, acho muito claras umas palavras que, em 1954, ouvi de são Josemaria: «Enquanto há luta, luta ascética [«combate espiritual»], há vida interior. Isso é o que nos pede o Senhor: a vontade de querer amá-Lo com obras, nas coisas pequenas de cada dia»<sup>61</sup>.

### **Isso é o que nos pede o Senhor**

Já reparou na beleza dessa última frase: «Isso é o que nos pede o Senhor...»? Deus não nos pede que sejamos perfeitos e façamos tudo direitinho, sem ruga nem mancha. Bem sabe que não somos capazes disso. Mas pede-nos o que realmente lhe podemos dar: que, usando da liberdade que Ele nos concedeu, mantenhamos «a vontade de querer amá-lo com obras, nas coisas pequenas de cada dia». Essa «vontade de querer amar» é a *boa vontade* do Evangelho (cf. *Lc 2,14*).

Como enche de paz o seguinte ensinamento de são Josemaria: «O cristão não é nenhum colecionador maníaco de uma folha de serviços imaculada. Jesus Cristo Nosso Senhor não só se comove com a inocência e a fidelidade de João, como se enternece com o arrependimento de Pedro depois da queda. Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a si como que por um plano inclinado,

---

<sup>59</sup> *Caminho*, n. 264

<sup>60</sup> Encíclica *Deus caritas est*, n. 17

<sup>61</sup> São Josemaria, *Via Sacra*, III, n.2

desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco, dia após dia... Jesus Cristo está sempre à espera de que voltemos para Ele, precisamente porque conhece a nossa fraqueza»<sup>62</sup>.

É por isso que um coração enamorado de Deus, está «sempre recomeçando», e não se sente fracassado nem humilhado por ter de fazê-lo. Não olha para o «sucesso», palavra que diante de Deus não tem sentido, mas para a «fidelidade», ou seja, a perseverança teimosa de querer amá-lo, mesmo que boa parte desse amor deva consistir em pedir perdão e repetir as palavras do Salmo 76: *Agora começo!*<sup>63</sup>.

A um rapaz desanimado, que dizia a são Josemaria: «Padre, tenho muitos erros», ele respondia: «Eu sei. Mas Deus Nosso Senhor, que também o sabe e conta com isso, só te pede a humildade de reconhecê-lo, e a luta por retificar, por servi-Lo cada dia melhor, com mais vida interior, com uma oração contínua, com a piedade e com o emprego dos meios adequados para santificares o teu trabalho»<sup>64</sup>.

Uma pessoa desanimada facilmente desiste. Pelo contrário, aquele que vai aprendendo a amar com humildade nunca abandona a luta, a começar pelo *combate da oração* (Rm 15,30). Deus ajuda-o a renascer das suas próprias cinzas, como a lendária Ave Fênix, e «aprende a tirar, das quedas, impulso; da morte, vida»<sup>65</sup>. Como são Pedro que, das suas três negações – ofensas graves contra Jesus –, soube tirar, com a ajuda de Cristo, lágrimas de contrição<sup>66</sup> e maior capacidade de amar e dar-se: *Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo!* (Jo 21,17).

## Vocação de filho pródigo

---

<sup>62</sup> *É Cristo que passa*, n. 75

<sup>63</sup> *Salmo 76*[77], 11 Vg: *Nunc coepi*

<sup>64</sup> *Forja*, n. 379

<sup>65</sup> *Caminho*, n. 211

<sup>66</sup> *Lc 22,62*

São Josemaria, «sempre recomeçando», aprendeu a viver o que ele chamava vocação de filho pródigo. Aconselhava seguir esse caminho, não só de vez em quando, mas muitas vezes ao dia.

*Eu me levantarei e irei à casa do pai* – dizia o pródigo (Lc 15,18). É preciso voltar, recomeçar, felizes por saber que Deus nos espera sempre. É o Pai que aguarda ansiosamente o retorno do filho; é o Pai que, ao primeiro sinal de arrependimento, corre a beijá-lo e abraçá-lo, e organiza uma festa (cf Lc 15,20-24).

«Deus não se escandaliza dos homens – dizia São Josemaria –. Deus não se cansa com as nossas infidelidades. Nosso Pai do Céu perdoa qualquer ofensa quando o filho volta de novo para Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é de tal modo Pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e a eles se antecipa, abrindo-nos os braços com a sua graça».

« De certo modo – continuava a dizer –, a vida humana é um constante retorno à casa do nosso Pai. Retorno mediante a contrição, mediante a conversão do coração, que se traduz no desejo de mudar, na decisão firme de melhorar de vida, e que, portanto, se manifesta em obras de sacrifício e de doação. Retorno à casa do Pai por meio desse sacramento do perdão em que, ao confessarmos os nossos pecados, nos revestimos de Cristo e nos tornamos assim seus irmãos, membros da família de Deus»<sup>67</sup>.

Esse último parágrafo é programático. Não diz que seja suficiente sentir dor e pedir perdão. Indica o caminho do verdadeiro recomeço:

- desejo de mudar (pelo menos em alguma coisa), cultivado sinceramente na nossa oração, na nossa conversa íntima e diária com Deus;
- decisão firme e realista de dar todos os dias algum passo à frente, sendo generosos na mortificação;
- propósito de recorrer com frequência à Confissão, fonte de misericórdia divina e da graça que fortalece a alma;

---

<sup>67</sup> *É Cristo que passa*, n. 64)

No próximo capítulo vamos frisar de modo especial que, para garantir o valor e a eficácia dos nossos propósitos, é imprescindível contar sempre, em primeiríssimo lugar, com a graça de Deus.

Se quiser um resumo de todo este capítulo, medite a seguinte consideração de são Josemaria: «São santos os que lutam até o fim da vida: os que sempre sabem levantar-se depois de cada tropeço, de cada queda, para prosseguir valentemente o caminho com humildade, com amor, com esperança»<sup>68</sup>.

### 3. A SEIVA DIVINA

*Ponto de luz: «O Espírito Santo é o Espírito enviado por Cristo para realizar em nós a santificação que Ele nos mereceu na terra»... «Tal como os primeiros fiéis cristãos, também nós nos alegamos ao admirar a força do Espírito Santo e a sua ação sobre a inteligência e a vontade das suas criaturas» (É Cristo que passa, nn. 130 e 131).*

#### Uma imagem luminosa

Ao despedir-se dos apóstolos na Última Ceia, Jesus quis gravar-lhes na alma a convicção de que a missão que Ele lhes encomendava – a santidade e o apostolado – ultrapassava as suas forças humanas; mas que, com a graça do Espírito Santo, eles poderiam cumpri-la. *A nossa capacidade vem de Deus, reconhecerá são Paulo (2 Cor 3,5).*

Na própria Ceia, Cristo iluminou essa verdade com uma imagem expressiva: a da *videira* e as *varas*. Na época da vindima os cachos de uva pendem das varas, dos sarmentos. Se a vara é arrancada da videira, acaba secando, não produz nada. Pelo contrário, se está bem unida à videira, recebe continuamente a seiva que a faz fecunda.

---

<sup>68</sup> *Forja*, n. 186

Assim acontece conosco. *Eu sou a videira e vós os ramos* – diz-nos Jesus –. *Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto, porque, sem mim, nada podeis fazer... Permanecei no meu amor* (Jo 15,5.9).

A alegoria da videira é um símbolo da graça do Espírito Santo, que Cristo obteve para nós, morrendo na cruz. «Foi-nos dado um princípio novo de energia, uma raiz poderosa, enxertada no Senhor»<sup>69</sup>.

No dia de Pentecostes, são Pedro, falando a uma multidão recém convertida que lhe pedia: *que devemos fazer?* – respondeu: *Seja batizado cada um de vós... para a remissão dos pecados, e recebereis, então, o dom do Espírito Santo* (At 2,38). Limpos do pecado pelo sangue redentor de Cristo, recebereis na vossa alma o Espírito Santo, isto é, o Amor divino em pessoa, que vos tornará capazes de amar a Deus e aos homens como Cristo.

O *Catecismo da Igreja Católica* fala assim da graça: «A graça de Cristo é o dom gratuito que Deus nos faz de sua vida, infundida pelo Espírito Santo em nossa alma, para curá-la do pecado e santificá-la» (n. 1999). A seguir, lembra que ela é recebida pela primeira vez no Batismo.

Que efeitos produz a graça na alma? O *Catecismo* continua: «A graça santificante é um dom habitual, uma disposição estável e sobrenatural para aperfeiçoar a alma e *torná-la capaz de viver com Deus, de agir por seu amor*» (n. 2000). Frisei a última frase porque é nessa verdade – na falta dessa «capacidade» – que reside o segredo das coisas que não vão bem na nossa vida cristã.

### **A graça ao vivo: São Paulo**

Saulo (ou Saul), chamado também pelo nome latinizado de Paulo, foi o grande perseguidor dos primeiros discípulos de Cristo.

---

<sup>69</sup> *E Cristo que passa*, n. 155

São Lucas, que viria a ser seu grande amigo e companheiro, descreve-o assim: *Saulo respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor (At 9,1)*.

Com cartas de recomendação do sumo sacerdote, partiu de Jerusalém para a Síria, a fim de trazer presos os homens e mulheres que encontrasse adeptos da Via, ou seja, do caminho cristão. Quando já estava perto de Damasco, de repente viu-se cercado por uma luz que vinha do Céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” “Quem és tu, Senhor?” pergunta Saulo, e ouve a resposta: *Eu sou Jesus a quem tu estás perseguindo (At 9,3-5)*.

Lembrando-se desse momento em que Cristo saiu inesperadamente ao seu encontro, São Paulo dizia: *Fui conquistado por Cristo Jesus (Fl 3,12)*.

Toda a vida de Paulo transformou-se numa entrega ardente e incansável para levar aos pagãos a Boa Nova de Cristo. *Para mim, o viver é Cristo (Fl 1,21)*, dizia. E trabalhou de maneira incrível para dá-lo a conhecer. Percorreu quase todo o mundo conhecido. Colheu frutos de fé em milhares de almas. Mas sempre manteve a certeza de que não era dele aquele fruto copioso; era da graça de Deus que operava por meio dele.

Essa clarividência, nunca o abandonou. Aos convertidos gregos da cidade de Corinto, escrevia por volta da Páscoa do ano 57: *Eu sou o menor de todos os apóstolos, que nem mereço o nome de apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. Agradecia de novo a aparição de Cristo em Damasco: por último, apareceu também a mim, que sou como um aborto... É pela graça de Deus que sou o que sou. E a graça a mim dispensada não foi estéril. Ao contrário, trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo (I Cor 15,8-10)*.

Saulo sabia-se pecador. Veja como escrevia ao seu discípulo predileto, Timóteo: *Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. Ele lembrava-se de que foi blasfemo, perseguidor e insolente e, com toda humildade, agradecia a Deus a misericórdia com que o perdoou (cf. 1Tm 1,12-16)*. Ao mesmo tempo,

agradecia com toda a alma a mudança que a graça do Espírito Santo operou nele, e os frutos copiosos que esta «seiva» de Cristo lhe permitiu conseguir.

### **E as nossas limitações?**

Você, que me lê, talvez possa dizer: «São Paulo, uma vez convertido, colocou todas energias da sua alma, que era excepcional, a serviço de Cristo; mas ele era um homem fora de série, com uma capacidade e umas qualidades humanas que eu não posso ter nem em sonhos!»

Pode ser que, prevendo argumentos desse tipo, Deus tenha permitido que São Paulo sentisse ao vivo algumas limitações pessoais, que quase o afundaram.

Da mais grave delas, fala-nos na sua segunda carta aos coríntios, escrita em fins do ano 57. Depois de referir-se às graças especiais e às revelações recebidas de Cristo, diz: *Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me esbofetear, a fim de que eu não me torne orgulhoso (2 Cor 12,8).*

Esse *espinho*, no entender de muitos especialistas na Bíblia, era uma «moléstia com acessos penosos e imprevisíveis»<sup>70</sup>. O que é certo é que Paulo o considerava um obstáculo grave para o cumprimento da sua missão, uma limitação que o afligia profundamente e quase o levava ao pessimismo. Não aguentava mais, e pediu socorro a Deus: *Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas o Senhor disse-me: “Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se manifesta plenamente. Por isso, de bom grado me gloriarei das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim (2 Cor 12,8-9).*

Com essa confiança, ele podia perguntar depois: *Quem nos separará do amor de Cristo?... Em tudo somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou (Rm 8,35.37).*

---

<sup>70</sup> cf. *Bíblia de Jerusalém*, na nota a esses versículos



Sem a graça, nada. Com a graça, tudo: *Posso tudo naquele que me dá forças (Fl 4,13)*. Isso não é uma utopia. «O cristão é realista, de um realismo sobrenatural e humano, sensível a todos os matizes da vida: a dor, a alegria, o sofrimento próprio e alheio, a certeza e a perplexidade, a generosidade e a tendência para o egoísmo. O cristão conhece tudo e tudo enfrenta, cheio de integridade humana e da fortaleza recebida de Deus»<sup>71</sup>.

### **As fontes da graça**

São João conta que, na festa dos Tabernáculos, que reunia os devotos judeus e prosélitos em Jerusalém, *no último e mais importante dia da festa, Jesus, de pé, exclamou: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba quem crê em mim; conforme diz a Escritura, “do seu interior jorrarão rios de água viva”. Ele disse isso falando do Espírito Santo que haviam de receber os que acreditassem nele (Jo 7,37-39)*.

Lembrávamos acima que recebemos a graça do Espírito Santo já desde o Batismo. Jesus disse a Nicodemos, *o Espírito sopra onde quer (Jo 3,8)*, quer dizer que Deus pode conceder-nos a graça como e quando ele quiser. Mas é importante ter em conta que ele nos falou, explicitamente, de *três grandes fontes de graça*, nas quais podemos, e devemos, beber sempre: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba*. Essas fontes são, como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*<sup>72</sup>:

1) Os sete *Sacramentos* que, «celebrados dignamente, conferem a graça que significam. São eficazes, porque neles age o próprio Cristo»<sup>73</sup>. No Batismo, Jesus, mediante o Espírito Santo, lava e santifica a alma; na Confirmação ou Crisma a fortalece; na Eucaristia ele mesmo é o alimento divino que nos faz crescer, renova as forças e nos une intimamente a ele, permanecendo sempre presente no sacrário; na Confissão ou Penitência ele nos perdoa e cura, restitui a graça perdida e ajuda o penitente arrependido a não recair no pecado; na Unção dos enfermos, dá-nos forças sobrenaturais para enfrentar com fé e paz a doença,

---

<sup>71</sup> *É Cristo que passa*, n. 60

<sup>72</sup> cf, *Catecismo*, III e IV partes

<sup>73</sup> *Ibidem*, n. 1127

a ancianidade e a morte e, em muitos casos, purifica de pecado a alma que disso precisa. Finalmente, Cristo instituiu os sacramentos da Ordem e do Matrimônio para acompanhar, com a assistência de uma graça especial, a vida inteira dos que os recebem.

2) A *oração*, pela sua eficácia impetratória e transformadora, é outra das grandes fontes da graça, sobre a qual a Bíblia inteira, e Jesus muito particularmente, não se cansa de insistir. *Pedi e vos será dado... Se um filho pedir um peixe, o pai lhe dará uma cobra?... Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo – portanto, a ajuda da graça – aos que lhe pedirem (cf. Lc 11, 9-13). É preciso orar sempre, sem jamais esmorecer (Lc 18,1).*

3) O *mérito sobrenatural* das boas obras, quer dizer, o *amor sobrenatural* com que praticamos os atos das *virtudes* e dos *deveres*. Esses atos das virtudes e dos deveres, movidos pelo amor, devem permear – como vimos ao longo de todo este livro –, todos e cada um dos aspectos da vida, desde os mais importantes até os mínimos. Eles são o «tecido de insignificâncias»<sup>74</sup>, que compõem o cotidiano, que Deus nos ajuda a santificar.

O encontro da graça de Deus e da nossa correspondência leva-nos, assim, a avançar rumo à meta da santidade, que é a vocação de todo cristão. Há um ditado que diz: «Quem quer o fim, quer os meios». Examine-se e pergunte: «Eu, que gostaria de tornar a minha vida diária santa, grande, alegre e radiosa, recorro a essas três grandes fontes da graça com muito empenho e frequência?». Vá pensando nas respostas práticas que precisa dar a essa pergunta.

Com isso, chegamos ao fim. Acho que podemos fechar bem estas meditações com uma oração que são Josemaria dirigia a Nossa Senhora:

«Supliquemos hoje a Santa Maria que nos torne contemplativos, que nos ensine a compreender as chamadas contínuas que o Senhor nos dirige, batendo à porta do nosso coração. Peçamos-lhe: “Mãe nossa, tu, que trouxeste à terra

---

<sup>74</sup> *Caminho* n. 826

Jesus, por quem nos é revelado o amor do nosso Pai-Deus, ajuda-nos a reconhecê-lo no meio das ocupações de cada dia; remove a nossa inteligência e a nossa vontade, para que saibamos escutar a voz de Deus, o impulso da graça”»<sup>75</sup>.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

---

<sup>75</sup> *É Cristo que passa*, n. 174